



Caricatura e imprensa diária na cidade do Rio Grande nos primórdios do século XX

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

135



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

Caricatura e imprensa diária na cidade do Rio Grande nos primórdios do século XX



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE

- 135 -



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Caricatura e imprensa diária na cidade do Rio Grande nos primórdios do século XX



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2026

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Caricatura e imprensa diária na cidade do Rio Grande nos primórdios do século XX
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 135
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, 2026

ISBN – 978-65-5306-115-6

CAPA: ARTISTA. Rio Grande, 18 dez. 1905

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

SUMÁRIO

Considerações iniciais / 11

O Caso *Panther* / 21

A crítica de natureza política / 47

O cotidiano citadino / 61

Incursões panegíricas / 75

A questão da Barra do Rio Grande / 105

Considerações finais / 113

Considerações iniciais

Na virada do século XIX para o XX a imprensa brasileira – e a sul-rio-grandense no mesmo contexto – dava os primeiros passos em direção a um processo que caracterizaria mais um momento de inflexão em sua evolução histórica. Paulatinamente o jornalismo mudava e os jornais normalmente ligados a pequenas empresas tipográficas começavam a perder espaço. A centralização e a concentração das atividades jornalísticas iniciavam a ganhar corpo, aumentando a competição entre as publicações na busca pelo mercado de leitores, de modo que só os que se adaptavam às novas circunstâncias e conjuntura teriam chances de manter-se circulando de forma mais duradoura. Pouco a pouco passaria a predominar a grande imprensa, praticante do denominado jornalismo empresarial, que se cristalizaria ainda mais a partir dos anos trinta, mas que já nos primórdios do século XX, lançava suas primeiras sementes.

Ao passo que as atividades jornalísticas começavam a concentrar-se em torno das publicações melhor estruturadas, havia também uma centralização em torno das grandes cidades, uma vez que alguns periódicos das mesmas, normalmente os das capitais estaduais, iniciavam uma caminhada de ampliação de exemplares impressos e uma distribuição mais ampla e sistemática, atingindo inclusive as cidades do interior,

causando forte impacto no jornalismo praticado nestas localidades. No caso do Rio Grande do Sul, o jornal que se tornaria o protótipo desse processo histórico seria o *Correio do Povo*, primeira folha gaúcha que representaria a contento o jornalismo empresarial. A cidade do Rio Grande bem demonstrava esse processo. Detentora de uma das mais importantes imprensas no quadro rio-grandense do século XIX, na centúria seguinte passou a ver essa posição decair, de modo que, ao passo que nos oitocentos chegou a ter quatro jornais diários circulando simultaneamente, nos novecentos, viu esses números decaindo constantemente para três, dois e, bem mais recentemente, um.

Esse processo desencadeou-se paulatinamente, entretanto, nos primeiros anos do século XX, a cidade do Rio Grande veria desaparecer duas de suas mais importantes folhas, uma delas era o *Artista*. Essa folha foi criada em 1862, como uma típica representante da pequena imprensa, quer seja era um semanário de pequeno formato publicado por artífices. Aos poucos, o *Artista* progrediria em termos tipográficos e editoriais, transformando-se em um dos mais importantes diários comerciais rio-grandinos. O jornal apresentou uma identidade com os princípios dos liberais rio-grandenses e sustentou o conflito discursivo típico das disputas partidárias da época imperial. A República traria uma série de indefinições ao periódico, que buscaria manter um caminho de certa independência e neutralidade, embora, mesmo que nas entrelinhas, não se coadunasse à situação vencedora, ainda mais se tratando do quadro

regional e o ferrenho domínio do modelo castilhistaborgista¹.

Além de ter perdido parcialmente seu norte editorial no que tange à orientação político-partidária, o *Artista* também iria sofrer com os efeitos da forte repressão mantida sobre o jornalismo nos primeiros tempos republicanos, mormente durante o desencadear da Revolução Federalista. A partir de 1901, o jornal passou por uma etapa de completa indefinição editorial, além de publicar artigos e manifestos tanto de castilhistas quanto de federalistas, a folha, em uma espécie de retorno às origens, voltou a tratar de assuntos intrinsecamente ligados ao operariado. No ritmo dessa indecisão quanto aos rumos editoriais, o periódico chegou a editar uma “Seção Operária” e artigos doutrinários a respeito do socialismo e das formas de organização dos trabalhadores. Nessa época, o responsável pelo jornal, Franklin da Fonseca Torres, teve de ausentar-se da cidade, deixando a sua publicação sob a responsabilidade de funcionários, período no qual, o número de anúncios diminuiu sensivelmente. Ao completar seu quadragésimo aniversário, o próprio diário reconhecia as dificuldades que enfrentava, afirmando que a sua publicação atravessava um sem número de obstáculos cada qual mais terrível e que só lutando titanicamente contra os escolhos de uma

¹ A respeito da história do *Artista*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2002. p. 231-269.

existência tormentosa, era conseguida a manutenção da sua circulação² (15 set. 1902).

Ocorreram constantes tentativas de reorganização da folha, buscando modernizá-la e adaptá-la aos novos tempos vividos pelo jornalismo. Foram anunciadas várias reformas tipográficas e prometidas diversas “novas fases”, à medida que diferentes redatores eram contratados. Nessa busca de modernização o diário rio-grandino chegou a publicar caricaturas e fotografias nas suas páginas, essas tentativas não passaram, porém, de experiências pouco duradouras. Com o retorno de seu proprietário, o periódico passou por uma breve recuperação, mormente entre 1906 e 1907, quando obteve uma certa reordenação financeira e uma razoável reorganização editorial, buscando sustentar o modelo de uma publicação de caráter informativo. Apesar das constantes reformas, “novas fases” e tentativas de modernização, a crise do periódico aprofundava-se e a quantidade de publicidade estampada em suas páginas decaía constantemente. Diante dessa situação, Franklin Torres optou por vender o *Artista* em outubro de 1911. Seu novo proprietário, entretanto, utilizaria a folha quase que exclusivamente para sustentar seus interesses pessoais e partidários, o que levaria a um desgaste profundo e sem volta, promovendo o desaparecimento do *Artista* em agosto de 1912³.

Em uma de suas “novas fases” o *Artista* inaugurou uma prática pouco comum ao jornalismo diário até então, a inclusão de uma seção ilustrada em

² ALVES, 2002, p. 262.

³ ALVES, 2002 p. 263-264.

sua primeira página. Nessa seção predominou a utilização da caricatura. Tratava-se de uma inovação e tanto, uma vez que misturava o tradicional unívoco e monolítico discurso da imprensa dita séria, na qual estavam inseridos os jornais diários com as estratégias discursivas paradoxais características da pequena imprensa, a partir da inserção da arte caricatural⁴. A caricatura já havia sido incorporada às lides jornalísticas há algumas décadas em várias partes do Brasil, como na sua mais meridional província e, no caso da cidade do Rio Grande, esse processo se desencadeara mais intensamente desde os anos setenta do século XIX⁵. Constituíam essas publicações, entretanto, uma imprensa caricata, ou seja, periódicos inseridos no

⁴ ALVES, 2002, p. 23-24.

⁵ A respeito das inter-relações entre imprensa e caricatura ver, respectivamente, no contexto brasileiro, sul-rio-grandense e rio-grandino ver: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. t. 80. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917. p. 583-609.; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; SINZIG, Pedro. *A caricatura na imprensa brasileira: contribuição para um estudo histórico-social*. Petrópolis: Vozes, 1911.; TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1976.; FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.; ALVES, Francisco das Neves. *Uma introdução à história da imprensa rio-grandina*. Rio Grande: FURG, 1995.; ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa caricata rio-grandina e crítica política ao final do Império*. *Revista Biblos*. v.8. Rio Grande: Ed. da FURG, 1996. p. 139-146.; e ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999.

contexto da pequena imprensa que tinham sua base editorial calcada no próprio desenho. Nesta época os jornais diários caracterizavam-se editorialmente por textos escritos, ficando as estampas como uma alternativa utilizada quase que exclusivamente nas matérias publicitárias.

Nessa linha, ao incluir a caricatura em suas páginas o *Artista* buscava adotar novas estratégias discursivas e editoriais que conquistassem o público leitor e proporcionassem melhores condições de adaptação à etapa pela qual passava o jornalismo. Essa “nova fase” do periódico foi inaugurada a 15 de dezembro de 1905, e o próprio editorial já buscava demarcar os novos rumos. Afirmava a folha que na nova fase em que entrava, apresentava-se ao público como órgão essencialmente popular, portanto, sem filiações partidárias, indo ao encontro da propalada neutralidade que se tornava quase que um chavão entre muitos jornais da época. Declarava que pretendia lutar pelo povo e, se o povo lhe tivesse amor, ufano poderia dizer como o nobre cavaleiro antigo que, ao voltar das rudes pelejas, oferecia a frente ao beijo do Patriarca de Atenas: “Esta é a minha legítima glória”. Destacava também a folha que todas as classes, à frente das quais estariam o comércio e a indústria, como sólido fator do progresso que pelo trabalho fecundo e pela atividade criadora engrandeciam o Rio Grande – alvo dileto dos afetos e devotamentos do jornal – teriam as energias e as dedicações do *Artista* para servi-las com desinteresse e altivez. Alertava, porém, que não queria fazer maiores promessas, pois a sua atuação na imprensa do Rio Grande – ação que deveria ser sempre honesta e digna, generosa e elevada – teria mais positiva eloquência do

que teriam quaisquer promettimentos que naquele momento fossem feitos (15 dez. 1905).

Na edição do dia seguinte, o periódico destacava as repercussões de suas mudanças editoriais. Explicava que não faria reclame para o *Artista*, porque isso importaria em uma insinuação à inteligência e à perspicácia do público que bem sabia que a folha, nos moldes com que se apresentara, teria naturalmente de alcançar o mais largo sucesso, o mais vasto acolhimento. Mas, ao mesmo tempo, intentava deixar expresso o seu agradecimento ao público que, compreendendo os imensos esforços e as grandes despesas advindas da nova feição que tomara o *Artista*, amplamente estaria distinguindo o antigo órgão rio-grandense com o seu amparo, o qual significava a garantia de êxito na sua fase nova e com a sua simpatia que trazia em si o mais grato conforto moral. A publicação rio-grandina agradecia também aos colegas jornalistas pela maneira gentil com que saudaram o *Artista* pela sua reforma editorial (16 dez. 1905).

A “nova fase” do *Artista* trazia também uma novidade na sua redação. Era Luís França Pinto, nascido na cidade do Rio Grande em 1860 e falecido na mesma comuna em 1935. O novel redator da folha rio-grandina iniciara sua carreira no mundo das letras através da poesia, tendo publicado *Borboletas* em 1893. Permaneceu pouco tempo no *Artista*, entre 1905 e 1906. Em 1916 tornou-se Bacharel pela Faculdade de Direito de Pelotas, vindo a atuar como advogado em sua cidade natal. Não deixou de lado as lides intelectuais, atuando também como professor. Na área educacional, foi Secretário do

Ginásio Lemos Júnior, chegando a ser diretor da mesma escola entre 1921 e 1930, ano em que se aposentou⁶.

A seção ilustrada do *Artista* não se tratava de nenhum primor técnico ou artístico, apresentando, inclusive, no breve período que existiu, vários e graves problemas de composição tipográfica. Se comparados aos desenhos apresentados na própria imprensa caricata rio-grandina há pelo menos quatro décadas, ou até mesmo às estampas publicadas junto a alguns anúncios da própria folha, a qualidade é bastante inferior. Não houve qualquer identificação quanto ao autor das gravuras, mas o estilo não era parecido com o dos caricaturistas que já haviam trabalhado na cidade portuária. Esse é um detalhe que chama atenção, uma vez que ainda se fazia presente no Rio Grande um dos mais tradicionais artistas da caricatura – Thádeo Alves do Amorim – que trabalhara e fora proprietário, redator e desenhista de vários hebdomadários caricatos rio-grandinos. Além de ainda estar na ativa, Alves do Amorim contava com a simpatia dos responsáveis pelo *Artista*, pois, seguidamente, suas iniciativas no campo da caricatura eram anunciadas cordialmente pela publicação diária. Ao lado do pouco primor dos desenhos, havia outros sérios problemas de redação, linguísticos, de diagramação e mesmo de impressão, os quais prejudicaram em muito a nova experiência.

Apesar dos problemas, o *Artista* buscou sustentar a novidade de trazer um complemento visual às suas

⁶ Dados obtidos a partir de: MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/ IEL, 1978. p. 442.; e VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação/ IEL, 1974. p. 380.

edições, expressando através de desenhos em geral e da caricatura mais particularmente uma série de construções discursivas, levando ao público leitor o debate a respeito de variados assuntos do momento. Era uma nova estratégia, para uma “novel fase” e, ainda que limitada cronologicamente, demonstrava a vontade de continuar dos responsáveis pela folha, lançando-se, inclusive, a inovadoras e arriscadas experiências. Constituíam-se assim, no intento do jornal diário o somatório entre a tradicional ordenação discursiva e editorial calcada exclusivamente no texto, com o apelo que a imagem vinha trazendo aos leitores já há bastante tempo⁷.

⁷ Contextualização realizada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa, cultura e sociedade: estudos históricos*. Rio Grande: FURG, 2009. p. 65-71.

O Caso *Panther*

Dentre os assuntos abordados pelas caricaturas do *Artista* a maior incidência recaiu sobre uma questão diplomática desencadeada no sul do Brasil e que ficou conhecida como Caso *Panther*⁸. Tal episódio teve início em novembro de 1905, quando a canhoneira germânica aportou na localidade catarinense de Itajaí. Em seguida, sem autorização oficial, alguns militares da belonave entraram na urbe portuária em busca de um suposto desertor. A partir de então foi gerada uma crise, com uma onda de protestos se espalhando pelo país, obrigando as autoridades vinculadas à política exterior a buscar soluções. O destino da *Panther*, após deixar Santa Catarina, era exatamente a cidade do Rio Grande, na qual a comunidade local de origem alemã preparava uma recepção especial, que foi suspensa, tendo em vista as repercussões negativas. Desencadeou-se a partir de então uma verdadeira cruzada antigermânica, que teve força na comunidade rio-grandina, expressa notadamente a partir de sua imprensa⁹, como foi o caso

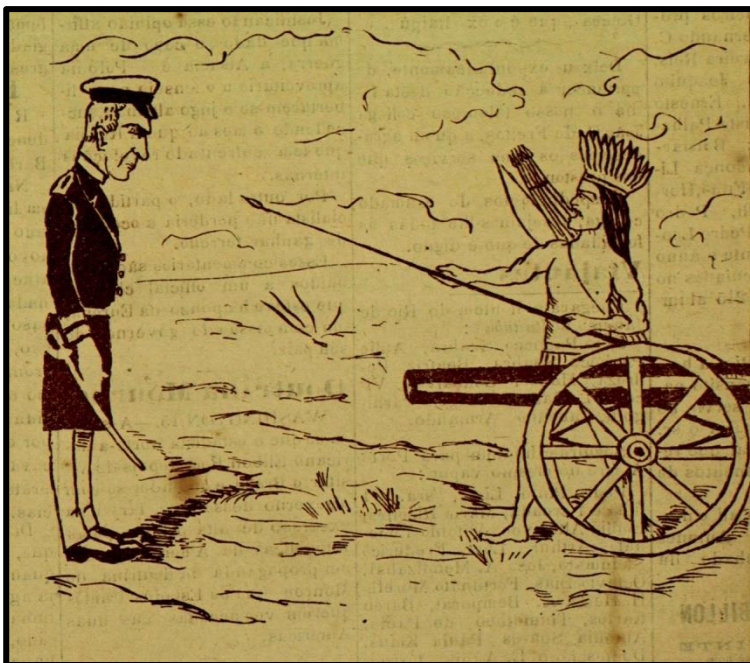
⁸ Acerca do Caso *Panther*, ver: JOFFILY, José. *O Caso Panther*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁹ Observar: ALVES, Francisco das Neves. Repercussões da Questão *Panther* na imprensa diária do extremo-sul brasileiro. In: ALVES, Francisco das Neves & MONICO, Reto. *Imperialismo alemão no sul do Brasil: o Caso Panther na imprensa*.

do *Artista*, que se manifestou com veemência em suas tradicionais matérias escritas, mas também em seu novo conteúdo caricatural.

Nas primeiras caricaturas publicadas sobre o tema, duas das mais tradicionais representações do povo brasileiro, o indígena e o Zé Povinho, na primeira, aquele personagem, de lança em riste e pronto a disparar um canhão, se preparava para defender o país e exigir reparações diante de um oficial alemão, ao passo que, na segundo, este entregava ao chanceler do Brasil, Barão do Rio Branco, uma tesoura, para cortar as asas da água alemã (15 dez. 1905). Em outra, Rio Branco aparecia trajado como um tradicional gaúcho, mas, no lugar do cavalo, buscava domar uma pantera, contando com o entusiasmo de um representante da população brasileira. Segundo o periódico, a querela diplomática chegou ao debate em meio aos habitantes, com um diálogo elogiando a presença de uma embarcação portuguesa em missão solidária, que teria sido um “prazer”, ao passo que canhoneira alemã fora uma “desmancha prazeres”. Tal mobilização também estaria se dando entre os militares, prontos para defender o orgulho pátrio (16 dez. 1905).

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(15 dez. 1905)



(16 dez. 1905)

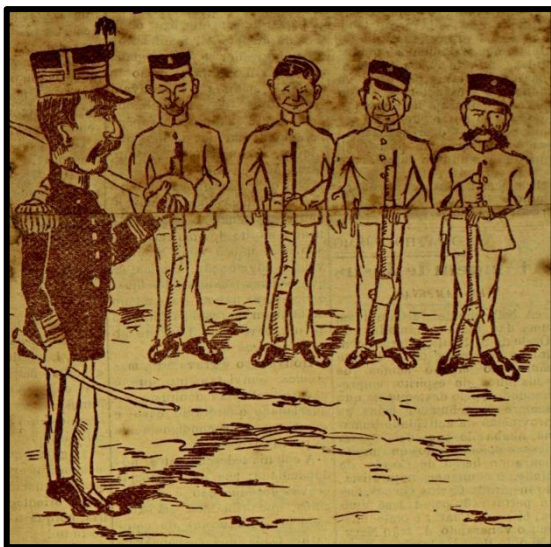


(16 dez. 1905)



(16 dez. 1905)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



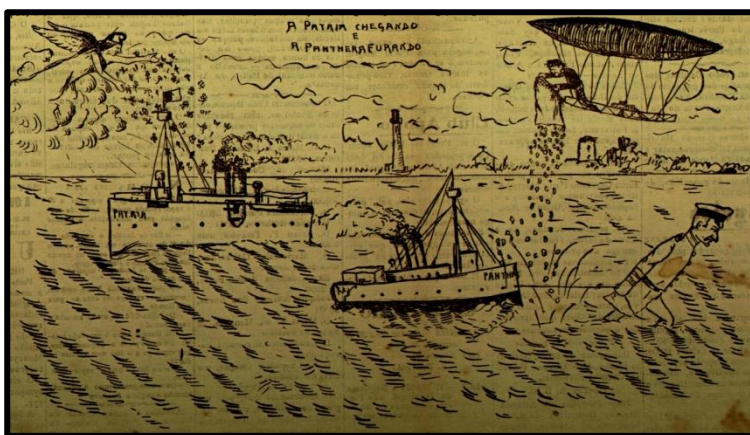
(16 dez. 1905)

O incidente e suas repercussões teia gerado “dois monólogos tristes”, com a presença de um “brasileiro nato” e um “alemão nato”, mas residente no Brasil, que teriam de ficar em lados opostos na desinteligência ocorrida (18 dez. 1905). Houve mais uma vez a comparação entre as duas embarcações que entraram no Rio Grande, com uma recepção calorosa e com “flores” para a lusa *Pátria*, ao passo que a germânica *Panther* era recebida com forte antagonismo e uma chuva de batatas (19 dez. 1905). Uma caricatura publicada em jornal alemã foi considerada como um “insulto ao Brasil”, desqualificando suas autoridades públicas. Mais uma vez a figura do indígena, junto de um cidadão brasileiro, se antepunham ao comandante alemã, que trazia uma pantera pela coleira (20 dez. 1905).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

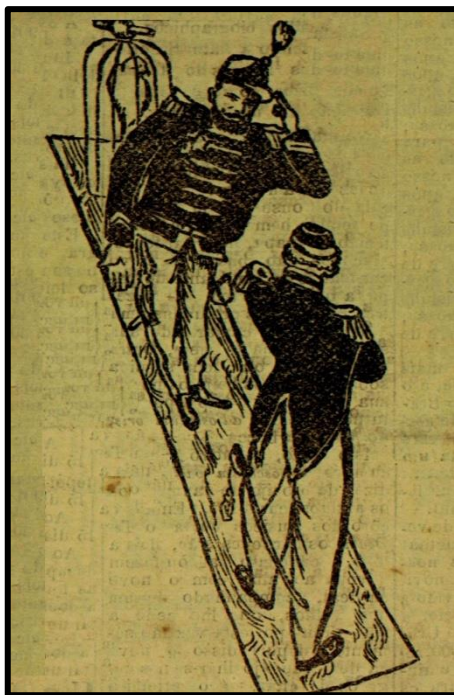


(18 dez. 1905)



(19 dez. 1905)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

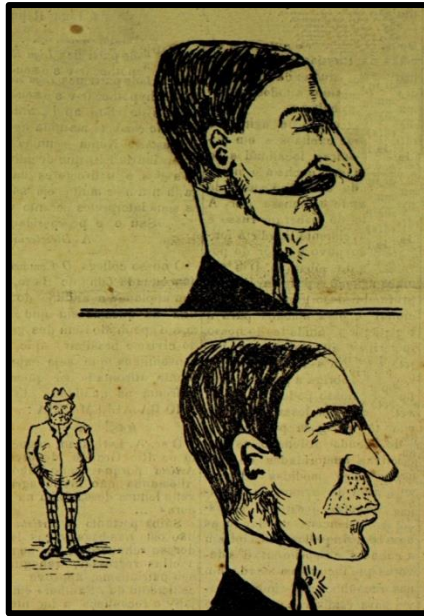


(20 dez. 1905)



(20 dez. 1905)

A moda e o uso de bigode foram a pauta de outra caricatura, comparando os estilos norte-americano e inglês com o alemão, com a preferência pelo primeiro, em uma alusão indireta ao antigermanismo. Outra ilustração trazia o diálogo entre dois indivíduos, que debatiam sobre as impressões acerca do Brasil na imprensa alemã, consideradas como uma “patifaria” típica de um “kartoffel”, em referência ao “alemão batata”, expressão típica do sul do Brasil para tratar depreciativamente os imigrantes germânicos e seus descendentes. O jornal comparou mais uma vez a visita do navio português *A Pátria*, com o alemão *Panther*, considerando aquele como um símbolo de amor e este como representação da fereza (21 dez. 1905).

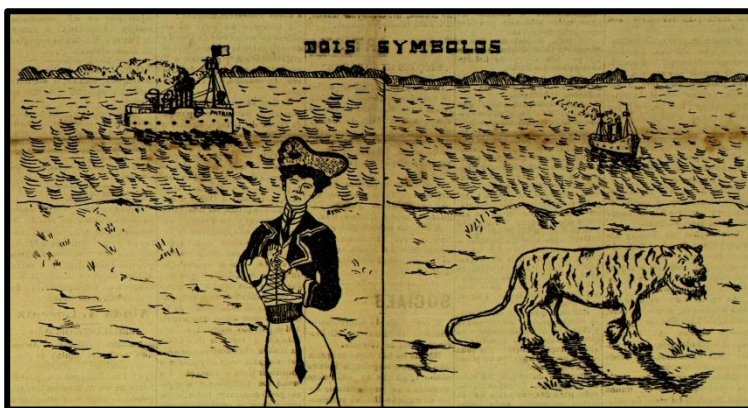


(21 dez. 1905)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

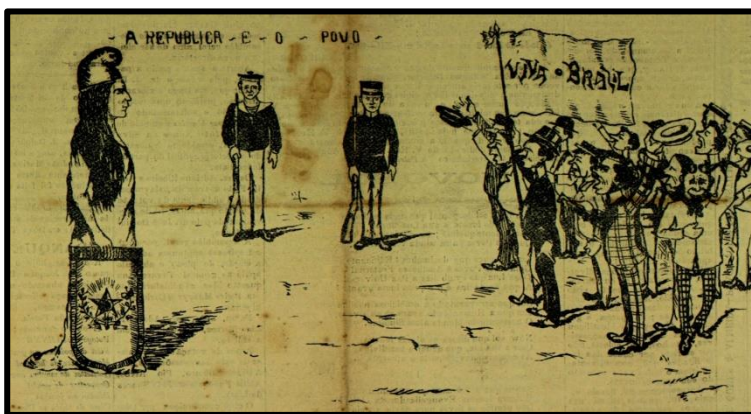


(21 dez. 1905)



(21 dez. 1905)

A cruzada contrária aos alemães foi representada pela mobilização popular frente à dama do barrete frígio – símbolo da nação republicana brasileira –, manifestando o desejo que o país saísse do Caso *Panther* “com a dignidade tão pura como a honra de uma virgem” (22 dez. 1905). Um estranho e maldoso hábito de amarrar uma lata à cauda de um cachorro foi reproduzido, com a troca do animal por uma pantera, expressando mais uma vez o espírito antigermânico. Em outra cena, o Zé Povo junto de um companheiro, à beira do cais, comemoravam com foguetório a partir da belonave alemã. Já em um conjunto de quadrinhos, um indivíduo insistia ardorosamente em cobrar uma dívida de outro, com todo o tipo de xingamento, sem sucesso, e, como último recurso, chamou-lhe de *Panther*, ao que o segundo não resistiu à ofensa e resolveu pagar o que devia (23 dez. 1905).

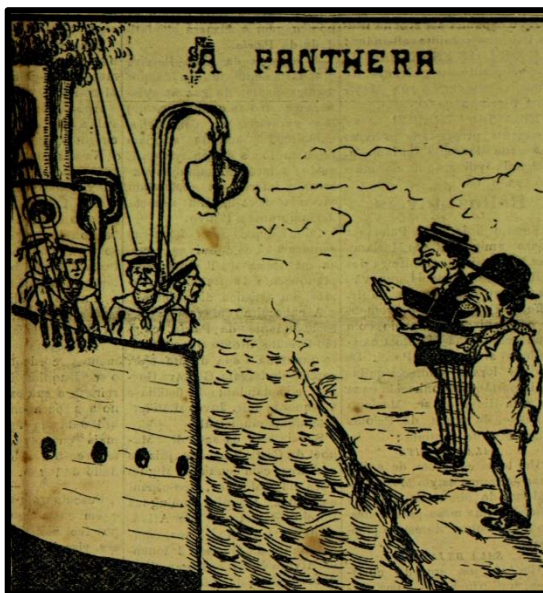


(22 dez. 1905)

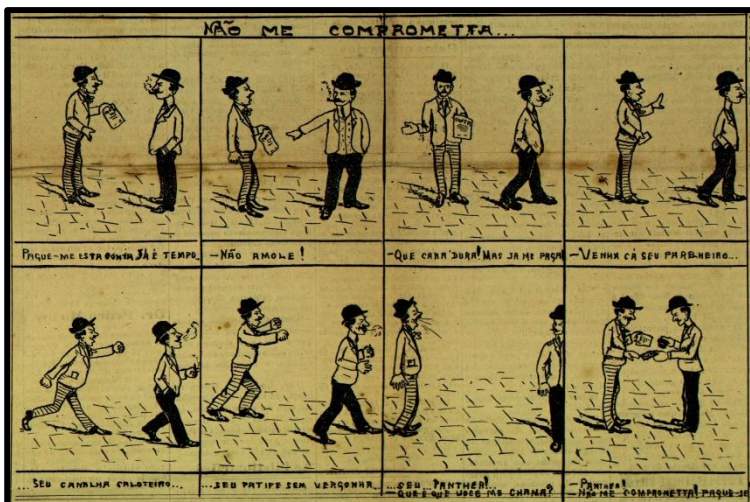
CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(23 dez. 1905)



(23 dez. 1905)



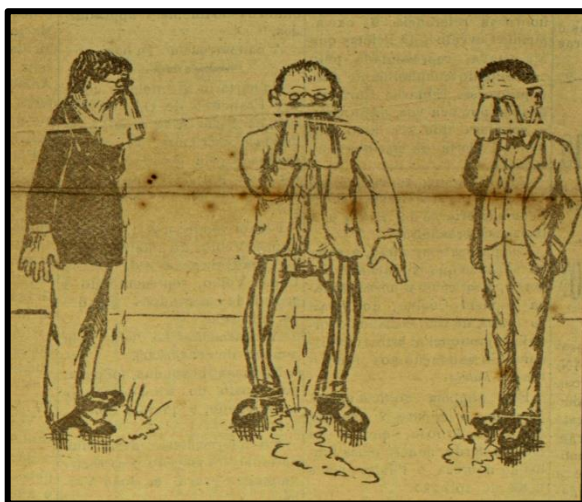
(23 dez. 1905)

Em dois momentos um homem era mostrado extremamente magro e bastante robusto, com a justificativa de que, no segundo caso, ele “tinha a pantera na barriga”. Três membros da colônia alemã no Rio Grande apareciam chorando, a lamentar-se do problema ocorrido, o que causara a suspensão das festividades de recepção planejadas (26 dez. 1905). Mais uma continuação de quadrinhos trazia a forma pela qual o periódico imaginava como deveria ser a punição do comandante da canhoneira alemão, sofrendo todo o tipo de castigo, imposto pelo próprio Kaiser (28 dez. 1905).

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(26 dez. 1905)



(26 dez. 1905)



O Zé Povo questionava diretamente ao comandante da embarcação alemã sobre o paradeiro do indivíduo que fora capturado em Santa Catarina (29 dez.

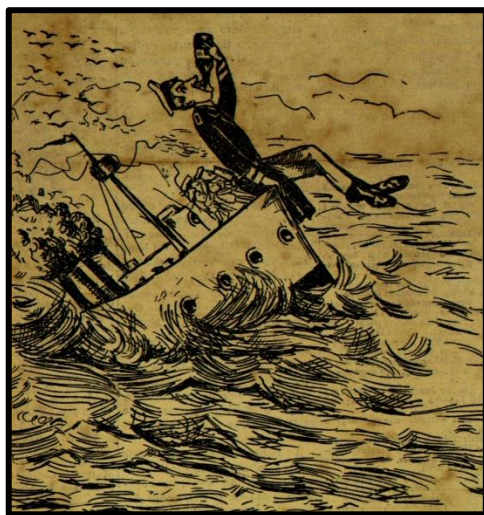
1905). O estereótipo dos alemães como bebedores foi utilizado pelo periódico para desqualificá-los, mostrando o oficial germânico a comandar a tropa em terra, representada por garrafas de cerveja, ao passo que, já no navio se embriagava com a mesma bebida alcohólica. Na tradicional ilustração de passagem do ano, típica das publicações que lançavam mão da arte caricatural, o jovem “ano novo” indicava o caminho da saída ao ancião “ano velho”, dizendo-lhe que levasse consigo alguns dos males que haviam afetado o país, referindo-se à varíola, à bubônica e aos personagens envolvidos no Caso *Panther* (30 dez. 1905).



(29 dez. 1905)

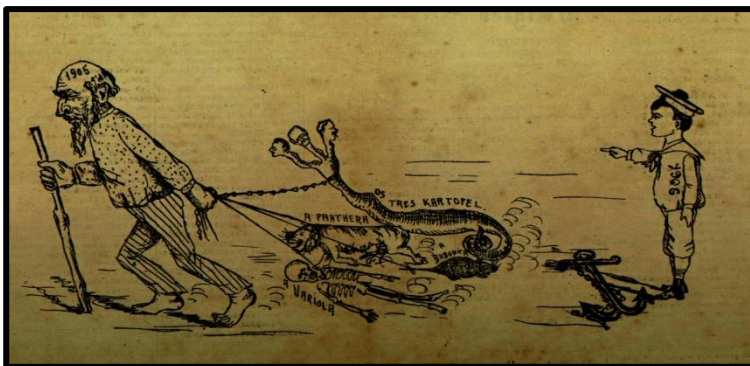


(30 dez. 1905)



(30 dez. 1905)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(30 dez. 1905)

Já no ano seguinte, a temática permaneceu sendo debatida, como no caso do conjunto caricatural que mostrava o comandante alemão mais uma vez envolvido com a bebida em excesso, demonstrando os atos desrespeitosos que cometera na Paraíba e em Santa Catarina, o que não se repetiria no Rio Grande, tendo em vista a reação contrária por parte da população local (2 jan. 1906). Em outro desenho intitulado “Ainda o Caso *Pantera*”, o Zé Povo cobrava o Presidente da República para que o país não saísse de tal questão “no passo do constrangimento” (3 jan. 1906). Mais adiante, o *Artista* previa a conciliação entre os dois países, mas sem fugir do estereótipo ao mostrar um alemão e um brasileiro bebendo em comemoração. A questão diplomática foi também representada por uma conversa ente o Presidente e o chanceler brasileiro com o Imperador alemão, considerando que se este viesse a dar explicações completas, a falta cometida poderia ser perdoada (9 jan. 1906).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



(2 jan. 1906)

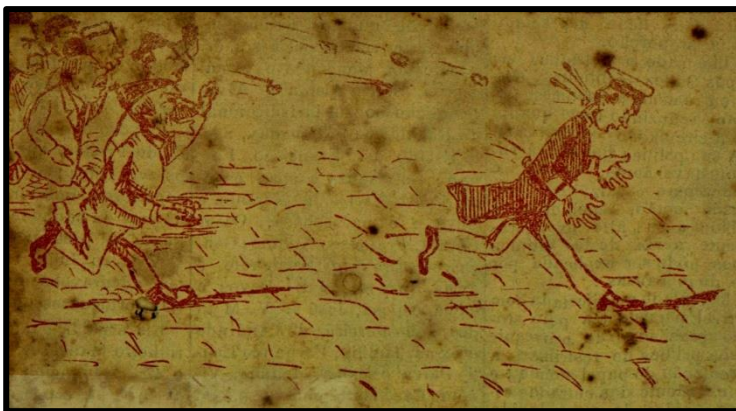


(2 jan. 1906)



(2 jan. 1906)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(2 jan. 1906)

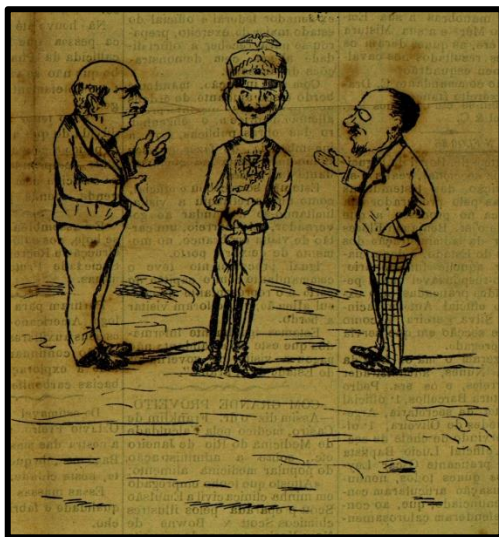


(3 jan. 1906)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



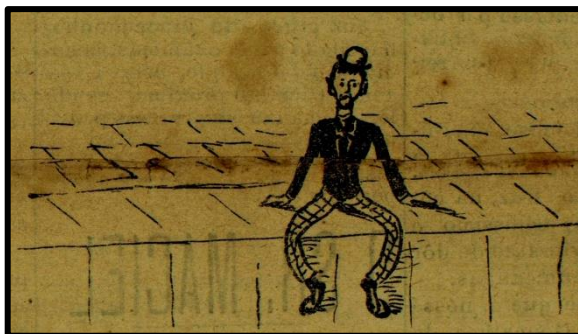
(9 jan. 1906)



(9 jan. 1906)

Mantendo o assunto da querela diplomática, o jornal fazia referência a um membro da sociedade local de nacionalidade alemã, que viera para o Brasil e enriquecera, mas, mesmo assim, em razão daquele enfrentamento, permanecia ao lado de seu país de origem, atacando o adotivo (10 jan. 1906). Com um jogo de palavras entre branco e preto, o Zé Povo elogiava os procedimentos do chanceler Barão do Rio Branco frente ao Caso *Panther*, enquanto este agradecia pelo “valor e apoio” daquele naquele delicado momento (11 jan. 1906). A outra representação do povo brasileiro, o indígena, aparecia “dormindo sobre os louros da vitória”, descansando em uma rede, embora ainda atento à presença da “pantera” que se retirava (13 jan. 1906). Tendo em vista as setas das repercussões negativas da opinião pública internacional para com a causa germânica, a “pantera” encontrava-se assustadiça, por estar em um “mato sem cachorro” – expressão popular brasileira que significa estar uma situação bastante difícil, sem que haja saídas (17 jan. 1906). Na última inserção da arte caricatural nas páginas do *Artista*, a folha imaginava o encaminhamento do final do conflito, prevendo que “depois do rolo”, haveria “fraternidade a desejar”, mostrando um militar e um brasileiro a cumprimentar-se (18 jan. 1906).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



(10 jan. 1906)

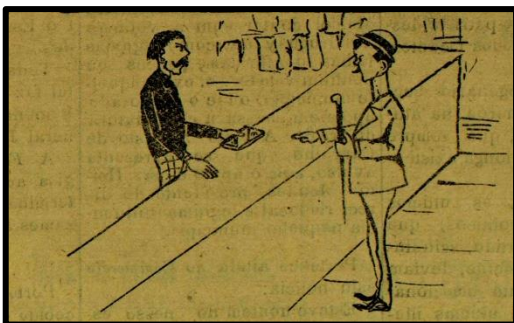


(10 jan. 1906)

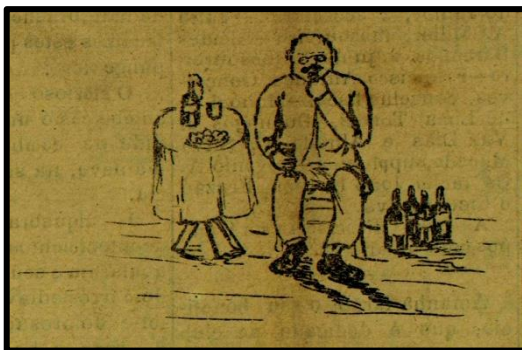


(10 jan. 1906)

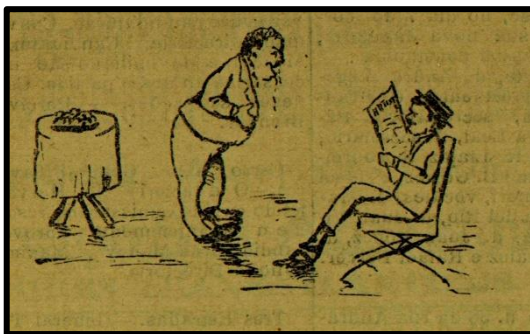
CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(10 jan. 1906)



(10 jan. 1906)



(10 jan. 1906)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

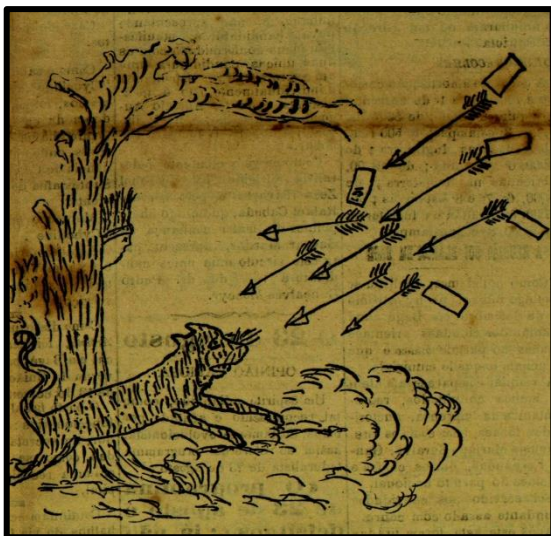


(11 jan. 1906)

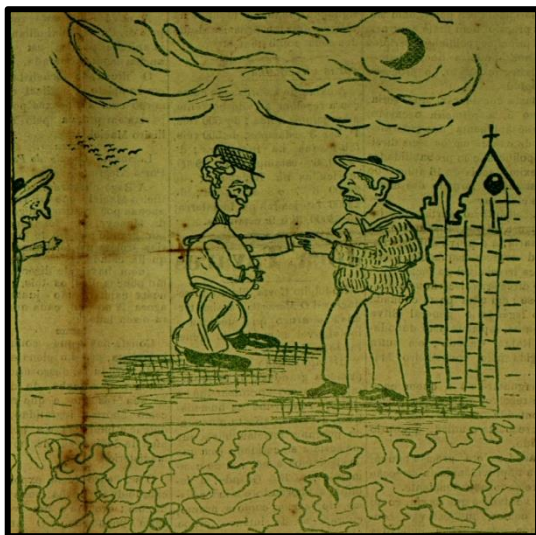


(13 jan. 1906)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(17 jan. 1906)



(18 jan. 1906)

A crítica de natureza política

O segundo tema de maior incidência nas caricaturas do *Artista* foi o vinculado à crítica política. Os assuntos voltados ao conteúdo político constituíram uma preferência entre os caricaturistas¹⁰, apresentando um olhar acerca do conteúdo crítico e radical do poder¹¹ e contribuindo para o debate político, vindo a servir para desmistificar o poder e incentivar o envolvimento de pessoas comuns nos assuntos de Estado¹². A partir do humor caricatural, os periódicos poderiam obter uma vantagem competitiva, ainda mais quando o adversário era representado pela força governamental¹³. Nesse sentido, o caricaturista aparece como uma ameaça para os governantes, já que não é a sua arte que torna os

¹⁰ SINZIG, Pedro. *A caricatura na imprensa brasileira: contribuição para um estudo histórico-social*. Petrópolis: Vozes, 1911. p. 11 e 13.

¹¹ LEMOS, Renato. *Uma História do Brasil através da caricatura (1840-2006)*. Rio de Janeiro: Bom Texto Editora e Produtora de Arte, 2001. p. 6.

¹² BURKE, Peter. *Testemunho ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 121.

¹³ SALIBA, Elias Thomé. História Cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. In: *Revista História* (São Paulo), n.176, 2017, p. 14.

homens ridículos, pois são estes que são ridículos por si mesmos¹⁴.

A primeira caricatura publicada no jornal rio-grandina acerca dessa temática envolvia a política sul-rio-grandense, com o Zé Povo entregando a bandeira da democracia a Pinheiro Machado, revelando um aparente crédito no senador, que aceitava a oferta, fazendo a ressalva que marcharia “no passo do constrangimento. Ao fundo da cena, o governante Borges de Medeiros sentenciava: “Assim não venhas Napoleão... de barra fora”, revelando o acordo tácito pelo qual o parlamentar ficava com a esfera federal como zona de sua influência, ao passo que, no campo estadual, o predomínio permanecia nas mãos de Borges. Além disso, a crítica se estabelecia na perspectiva irônica e sarcástica quando ao lugar de um espírito democrático no contexto de um regime autoritário como era o castilhistaborgista (18 dez. 1905).

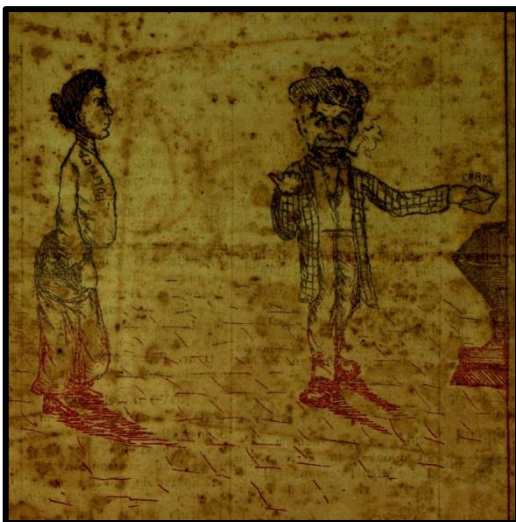


(18 dez. 1905)

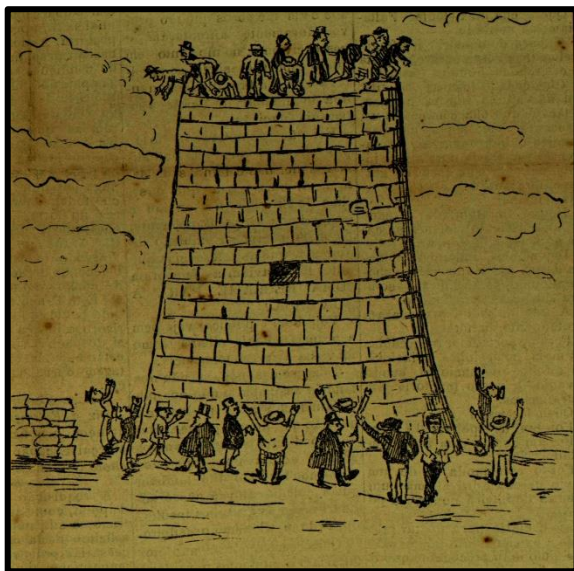
¹⁴ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 13.

O Zé Povinho protagonizava outra caricatura, depositando o voto na urna e apontando para uma figura feminina que representava a política, revelando sua total ignorância para com esta, demarcando que a mesma seria mais complexa do que entender a língua grega (2 jan. 1906). O mundo político era visto também como insondável, mostrando uma torre na qual alguns estavam no topo, enquanto outros, no chão, almejavam o lugar daqueles. Nesse sentido, a legenda dizia: “Ninguém se entende nesta Babel moderna – a política; e alguns havia que estavam já perto do céu... das suas aspirações” (4 jan. 1906). Em outro cenário, dois indivíduos conversavam sobre o ato do voto, demarcando o seu “calor cívico”, ao cumprir “briosamente o dever de cidadãos”, embora não tivessem a mínima lembrança do candidato no qual acabaram de votar. Levando em conta a imagem feminina, o periódico mostrava que para aqueles que almejavam um cargo público era mais importante convencer a opinião pública do que apresentar propostas concretas (5 jan. 1906).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



(2 jan. 1906)



(4 jan. 1906)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



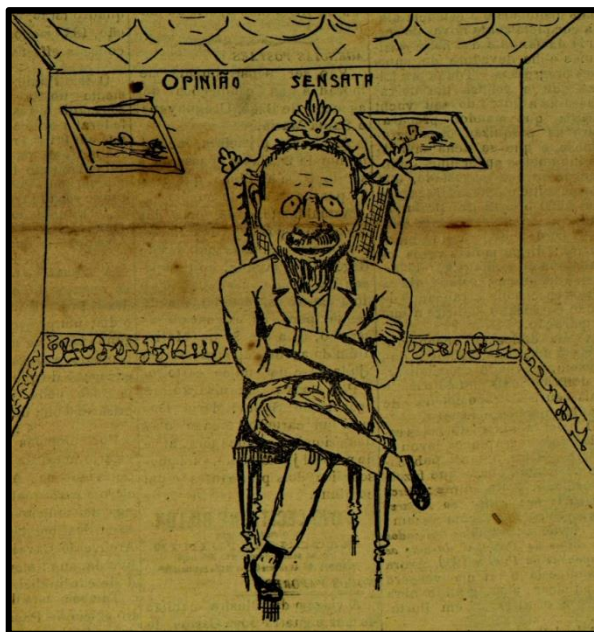
(5 jan. 1906)



(5 jan. 1906)

Sob o título “Opinião sensata”, o diário rio-grandino mostrava o Presidente Rodrigues Alves refletindo sobre uma reivindicação no sentido de que não houvesse conselheiros na República, em alusão ao cargo existente na forma monárquica, do que discordava o governante, pois, como “a República anda mal”, carecia de conselheiros (6 jan. 1906). A dama do barrete frígio representava mais uma vez a República, levando a urna em suas mãos, em caricatura que mostrava a grande ambição pelos cargos públicos, com o excessivo número de “candidatos à deputação” (16 jan. 1906). A arte caricatural apresentava mais uma vez a concepção de que as pessoas mais necessitadas tinham dificuldades na escolha de seus candidatos. A presunção e a busca de reconhecimento de um político eram tratadas sarcasticamente pela sua dúvida entre ser “alecrim ou manjerona”. A respeito do manifesto divulgado por um político na imprensa, um indivíduo comentava que tinha por preferência não falar em política (17 jan. 1906).

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

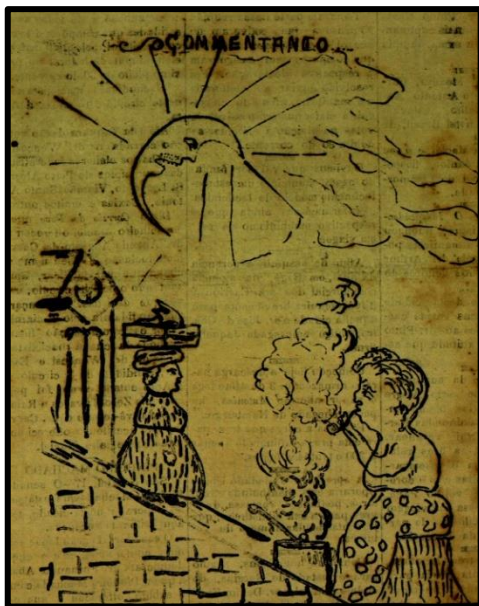


(6 jan. 1906)

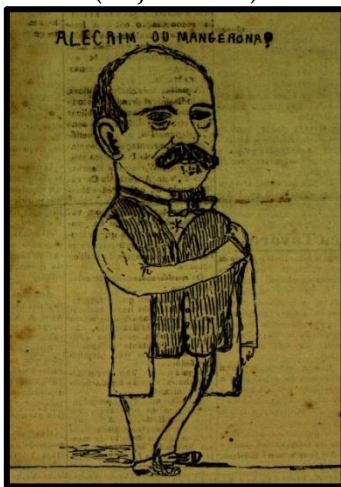


(16 jan. 1906)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



(17 jan. 1906)



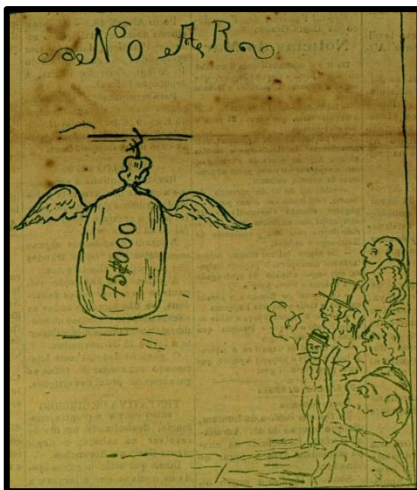
(17 jan. 1906)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

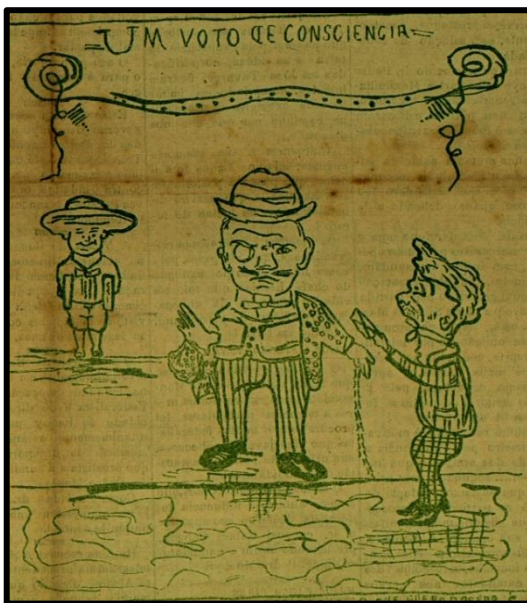


(17 jan. 1906)

A ambição por ganhos financeiros era definida em caricatura como a principal característica dos postulantes a cargos públicos, que olhavam cobiçosos para um saco de dinheiro que voava pelo ar, imaginando qual seria a “fatia” que conseguiriam obter. Com o título “Um voto de consciência”, mostrava ironicamente um indivíduo alegando que votava “com consciência”, ou seja, não “vendia” o seu voto, embora aceitasse trocá-lo por várias peças do vestuário, para que pudesse fazer “bonita figura” no dia da eleição (18 jan. 1906). As acirradas disputas de natureza política, com o acirramento das discussões, foram demonstradas pelo incêndio de uma casa, motivado pela ação de um político “fugoso” (19 jan. 1906).



(18 jan. 1906)



(18 jan. 1906)

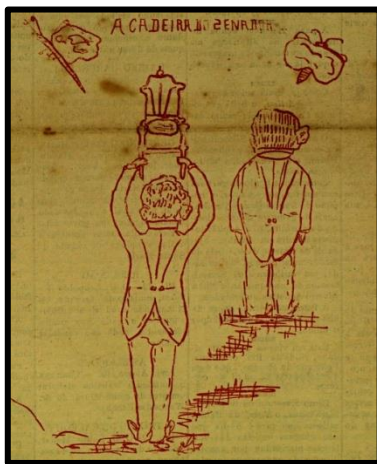
CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



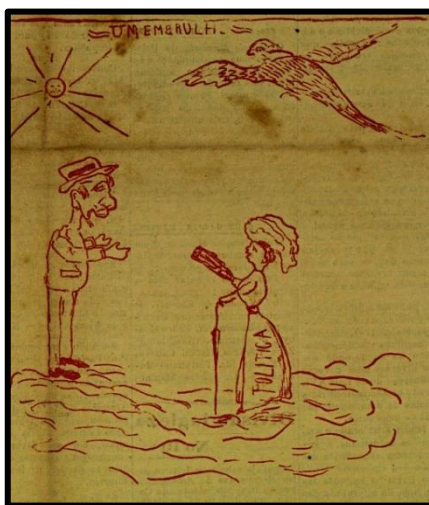
(19 jan. 1906)

Os enfrentamentos na busca de uma cadeira parlamentar eram apresentados como dois indivíduos que não mostravam o rosto para negociar quem pleitearia os cargos de senador e deputado. Uma nova representação caricatural mostrava o Zé Povo conversando com a dama-política, dizendo que ela lhe deixava confuso, alegando que “a senhora sempre me saiu uma boa moça de recados”, uma vez que, “na eleição, apresenta-me um embrulho” (19 jan. 1906). Sob inspiração shakespeariana, jocosamente a folha retratava os conflitos existenciais e hesitações de um político que há muito postulava uma cadeira de deputado. Carregando nas cores da ironia, o periódico se referia à compra e à venda de votos, alegando que tal prática não existia, tratando-se, isto sim, de um “conto do vigário”, em relação aos golpes e trapaceas comuns à vida política brasileira da época. Frente à cobiça de adversários, designados como lobos, o parlamentar gaúcho Pinheiro

Machado mostrava-se irredutível quanto a manter sua cadeira senatorial (20 jan. 1906).

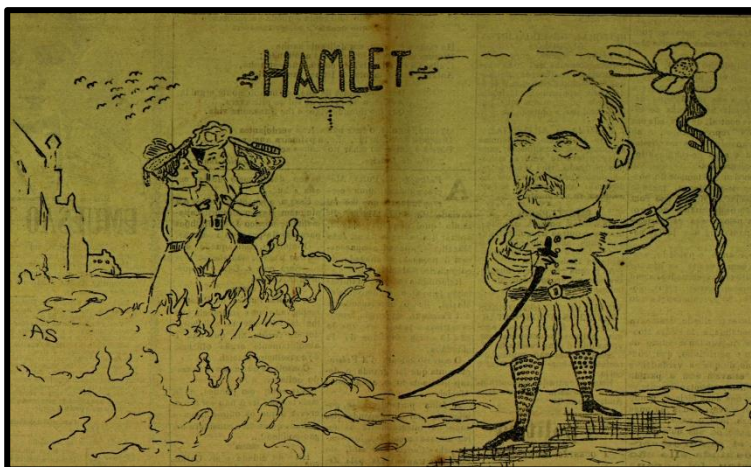


(19 jan. 1906)



(19 jan. 1906)

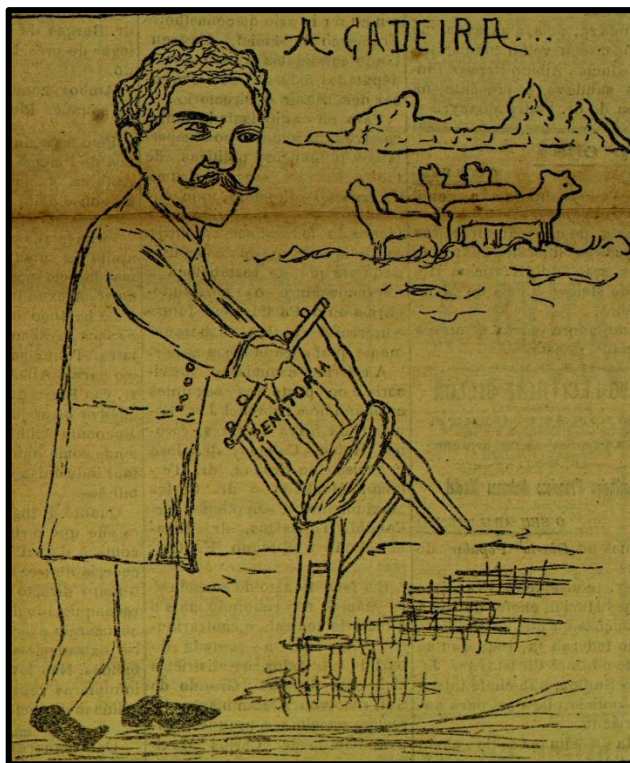
CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(20 jan. 1906)



(20 jan. 1906)



(20 jan. 1906)

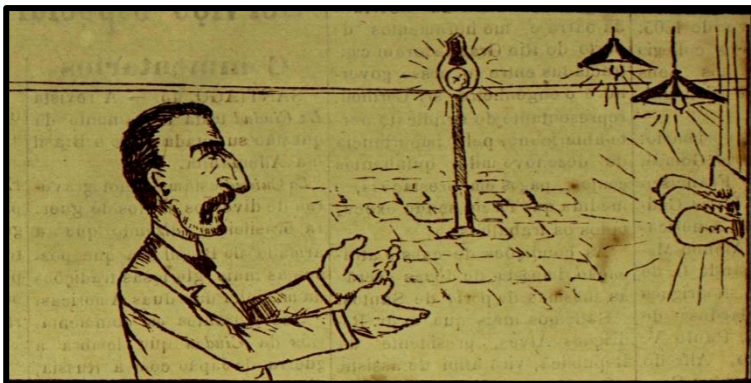
O cotidiano citadino

O foco das caricaturas publicadas pelo *Artista* também se voltou para registros do cotidiano citadino, retratando sob o prisma crítico-humorístico detalhes de indivíduos e da coletividade. A folha refletia assim sobre o público e o privado, uma vez que o homem observa muitas coisas de outro modo, quando se encontra sob uma luz pública, uma vez que a comunidade funciona como um catalizador. Nesse quadro, uma pessoa intimamente vinculada com as normas da comunidade sente a presença da sociedade mesmo quando esta não está presente e até quando tal pessoa está sozinha. Desse modo, o comportamento humano se decompõe em vários clichês estereotipados e dado que a personalidade autônoma do homem pode perder-se inteiramente nesses clichês, levando em conta a diferença gradual e de intensidade existente entre a atitude “solitária” e a “pública”¹⁵. De acordo com tal perspectiva, ao apresentar cenas do cotidiano, o individual e o coletivo, o público e o privado interagem na arte caricatural expressa pelo diário rio-grandino.

Questões que podem até parecer comezinhas, como a prestação de serviços públicos básicos eram detalhes do dia a dia discutidos pela caricatura. Foi o caso da iluminação pública, em que o responsável pelo

¹⁵ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. 6ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 91.

serviço finalmente poderia dizer *fiat lux*, ao obter o “arame” para dotar a localidade de luz elétrica. Na mesma linha, o intendente municipal se comprazia em relação a uma dama – figura feminina que representava o município do Rio Grande – mostrando-se satisfeito por ter entre seus projetos o de dotar a cidade de dois serviços, referentes ao abastecimento de água e ao escoamento de dejetos, os quais eram simbolizados pelo prédio da hidráulica e por um cano, que se encontravam às mãos da autoridade pública, a qual dizia: “bela e remoçada dama, muito contente ficarei se conseguir, no meu quadriênio, oferecer-vos estes dois mimos: esgotos e água, para V. Exa. lavar-se” (15 dez. 1905)



(15 dez. 1905)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

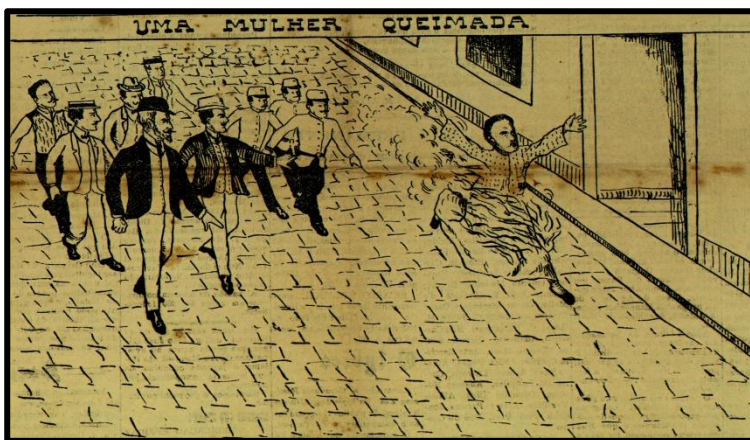


(15 dez. 1905)

As conversas de rua foram outro elemento constitutivo do cotidiano citadino demarcadas pelo jornal, como foi o caso de dois indivíduos que se encontravam à rua e dialogavam acerca da imprensa local, chegando a tecer elogios à “nova fase” do *Artista* (20 dez. 1905). Um incidente pessoal com repercussão coletiva, despertando assombro em meio à população citadina, foi o episódio de “uma mulher queimada”, com referência ao “desastre de que foi vítima a desventurada Juvelina Pereira” a qual era mostrada correndo pelas ruas citadinas com o corpo em chamas, para assombro dos transeuntes (22 dez. 1905).



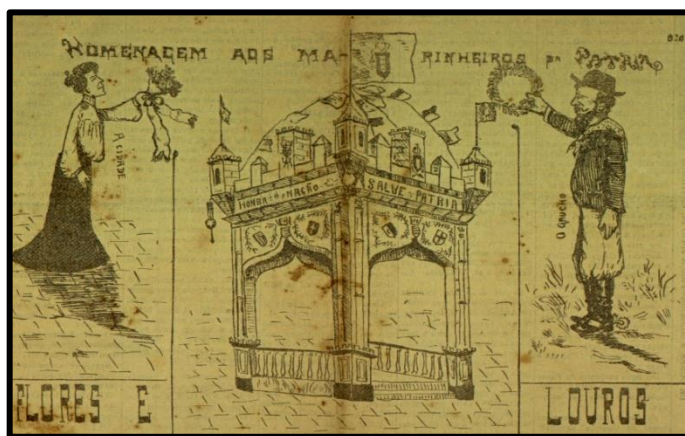
(20 dez. 1905)



(22 dez. 1905)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

A visita de cordialidade por parte de uma embarcação portuguesa à cidade do Rio Grande, agitou o cotidiano local, com uma série de homenagens mútuas realizadas da comunidade para com os visitantes e vice-versa. Tamanha proximidade advinha da forte presença de uma colônia portuguesa na comuna portuária, como também de um paralelo traçado entre aquela manifestação de amizade em contraste com a profunda animosidade para com os alemães e sua canhoneira *Panther*, envolvidos em uma querela diplomática. Nesse sentido, foi erguido um pórtico em “homenagem aos marinheiros da Pátria”, com a figura feminina, simbolizando o âmbito citadino, e a imagem tradicional do gaúcho, representando o contexto estadual, a dedicar aos marujos, respectivamente “flores e louros”, em sinal de saudação afetuosa (26 dez. 1905). Já outro registro se passava “a bordo da pátria”, como um marinheiro e um rio-grandino brindando a “fraternidade luso-brasileira” (3 jan. 1906).



(26 dez. 1905)

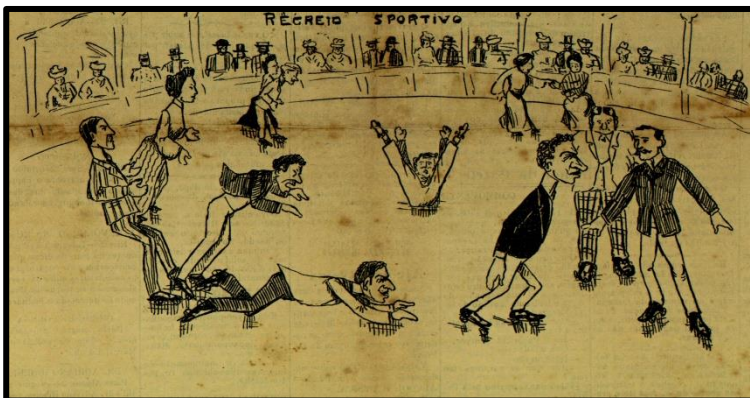


(3 jan. 1906)

Os rinques de patinação foram alvo do olhar jocoso da caricatura desde o século XIX, tendo em vista notadamente a série de constrangimentos que os praticantes passavam com os frequentes tombos passados naquela grande superfície plana. Nesse sentido, o periódico denominava aquele divertimento de “recreio esportivo”, afirmando ironicamente que aquele era “o esporte da moda”, “útil, higiênico e... divertido” (29 dez. 1905). O caso de um mal-estar passado por jovem servia de mote para o exercício da propaganda, na apresentação de “um caso de insolação”, com o namorado tendo aos braços sua amada desfalecida e vindo a afirmar que “estou gelado ao ver o meu amor acometido de insolação”; diante do que surgia rapidamente um garçom, com a tradicional bandeja à mão, e a sogra se manifestava dizendo: “Não é nada... aí vem o remédio salvador: os deliciosos gelados do Blota” (3 jan. 1906). A publicidade marcou igualmente um

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

conjunto de quadrinhos sobre um indivíduo que passou por uma transformação, ao frequentar uma farmácia e encontrar a cura para o seu dolorido calo (11 jan. 1906).



(29 dez. 1905)



(3 jan. 1906)

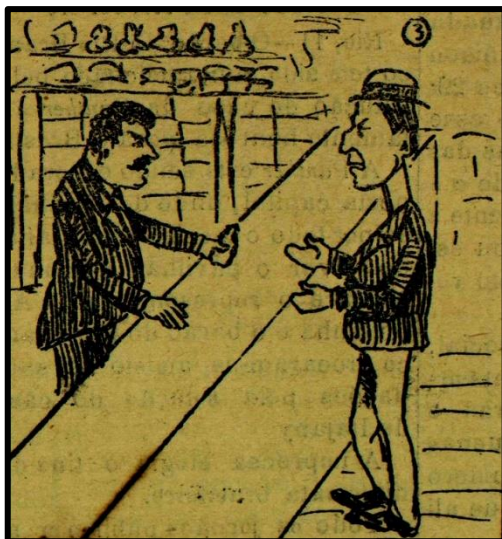


(11 jan. 1906)

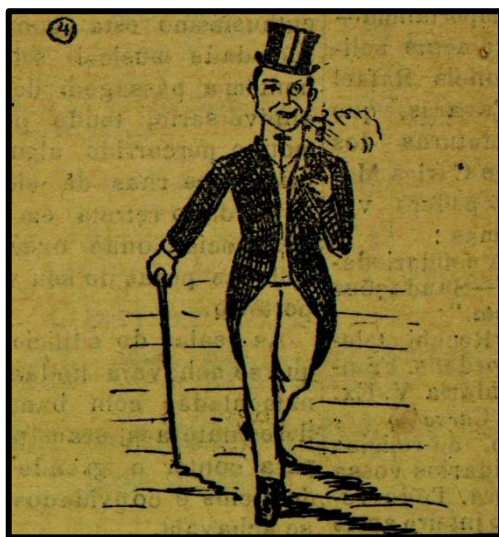


(11 jan. 1906)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(11 jan. 1906)



(11 jan. 1906)

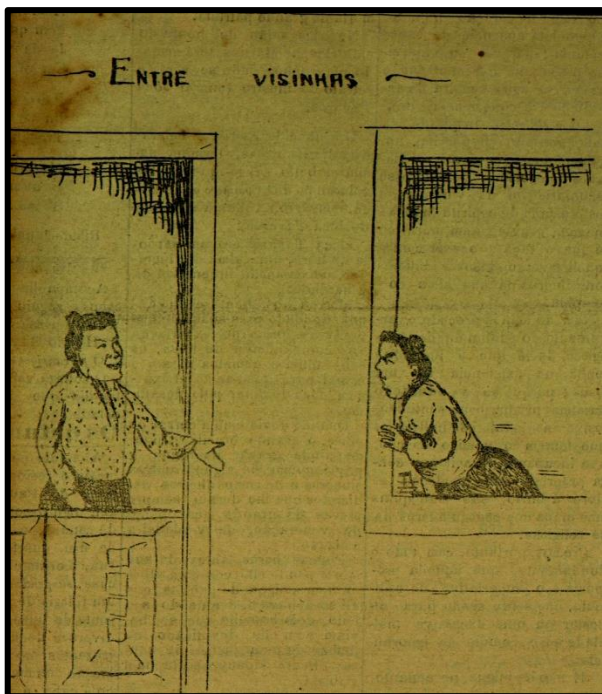
A óptica crítica do jornalismo caricato também recaía sobre as dificuldades enfrentadas pela cultura, ao mostrar o encontro de duas damas, uma vestida luxuosamente, designando a Intendência Municipal, e a outra, com vestimentas modestas, colocada em meio a pilhas de livros, representando a Biblioteca Rio-Grandense, uma das mais antigas instituições da cidade, à época já próxima de completar os sessenta anos e que historicamente passou por escassez de recursos financeiros, de modo que esta pedia àquela: “Amiga Intendência, não te esqueças de mim que te amo tanto... lembra-te de que quem dá aos pobres empresta a Deus” (6 jan. 1906). As conversas do dia, a fofocagem e as relações marido e mulher também estiveram inclusas nos retratos do cotidiano apresentados pela caricatura do *Artista*, como foi o caso do diálogo “entre vizinhas”, no qual o mote era a partida do navio luso que visitara a cidade, de modo que a primeira dizia: “Agora que se foi a *Pátria*, sempre quero ver qual a desculpa que vai arranjar o meu José para cair na pândega”; ao que a outra respondia: “Ora, irá divertir-se para suavizar as saudades da *Pátria*” (11 jan. 1906). O transporte fluvial entre as cidades do Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, meio de deslocamento mais ágil da época, era saudado pela publicação ao estampar a imagem do pacote responsável pela viagem. Os extremos de temperatura típicos da cidade portuária, sempre úmida, mas quente e abafada no verão e fria e úmida no inverno correspondia à insatisfação da população para com tamanhas diferenças, com a presença de um cidadão que, todo agasalhado, reclamava daquele “frio de gelar”, desejando “que venha depressa o verão”; e, por outro lado, lastimava o excesso de calor, resistido “só mesmo a

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

gelados", gerando a vontade de "que não tarde o inverno" (15 jan. 1906).



(6 jan. 1906)

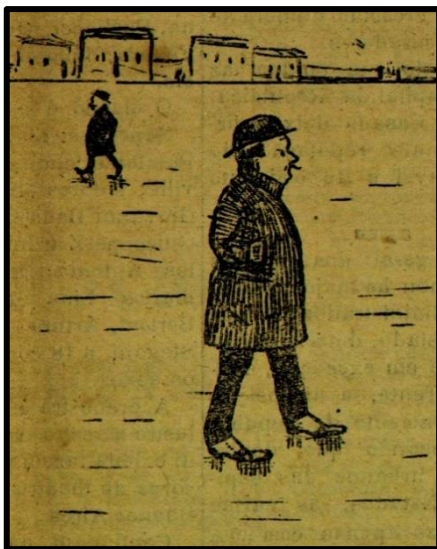


(11 jan. 1906)

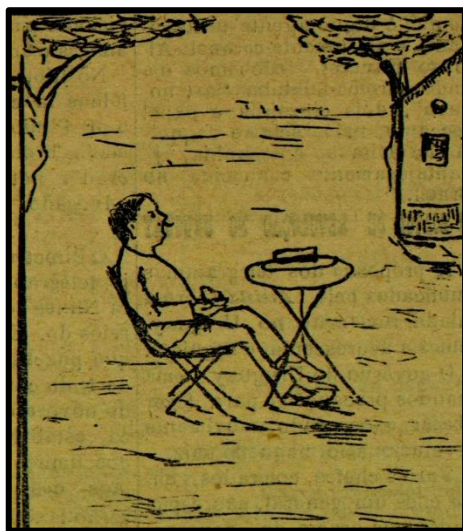


(15 jan. 1906)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(15 jan. 1906)



(15 jan. 1906)

Incursões panegíricas

Outro enfoque presente nas caricaturas do *Artista* foi o de natureza panegírica, o qual esteve ligado a uma prática bastante comum em meio à imprensa ilustrada no Brasil. Equivalendo originalmente a um brinde ou um canto, o encômio viria a significar todo o escrito ou discurso que contivesse um elogio a uma pessoa. Termos correlatos ao panegírico eram o próprio elogio, o encômio, a elegia, o treno, a trenódia. Em alguns casos, tais manifestações honoríficas traziam consigo um canto plangente em honra aos mortos, adquirindo um sentido especial vinculado à ideia de lamento e pranto, podendo ser acompanhado por um sentimento de admiração pelos falecidos, ou ainda aparecendo como uma oração fúnebre, vinculada ao costume popular de chorar os defuntos¹⁶. Quando associado à morte, o registro encomiástico expresso por meio da imprensa cumpria uma função fundamental relativa à publicidade quanto à finitude da vida¹⁷, em um quadro pelo qual, as recordações do falecido vinham a traduzir uma forma figurada da continuidade de sua presença no mundo¹⁸.

¹⁶ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 171-172, 167 e 499.

¹⁷ ARIÈS, Philippe. *O homem perante a morte*. Sintra: Europa-América, 2000. p. 29.

¹⁸ RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. p. 18.

Levando em conta tal enfoque, ocorria um verdadeiro culto à memória do morto¹⁹, trazendo ao mesmo uma espécie de sobrevida, ainda mais evidenciada nos casos em que se tratava de personagens considerados ilustres²⁰.

A primeira ilustração laudatória teve por foco a Armada, força militar de relevância na litorânea cidade do Rio Grande. A saudação destinou-se a quatro oficiais da Marinha Brasileira, a saber Alexandrino Faria de Alencar, responsável por um programa de modernização em sua força; Artur Silveira da Mota, Barão de Jaceguai, com participação na Guerra do Paraguai, além de ter atuado como escritor; José Pereira Guimarães, que atuou como cirurgião na Guerra do Paraguai; e Francisco Calheiros da Graça, que viria a falecer no mês seguinte, e ganhou notoriedade pelos avanços técnico-científicos promovidos no campo da hidrografia e da navegação (16 dez. 1905). Ainda no contexto nacional, outra autoridade foi homenageada, no caso uma de natureza religiosa, com Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, o Cardeal Arcoverde, sacerdote católico, que foi bispo e arcebispo em diferentes localidades do país, apontado pelo diário rio-grandino como “ilustre brasileiro” (15 jan. 1906).

¹⁹ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 100.

²⁰ GIACOA JÚNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. In: *Medicina* (Ribeirão Preto) 2005; 38 (1), p. 19.

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(16 dez. 1905)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



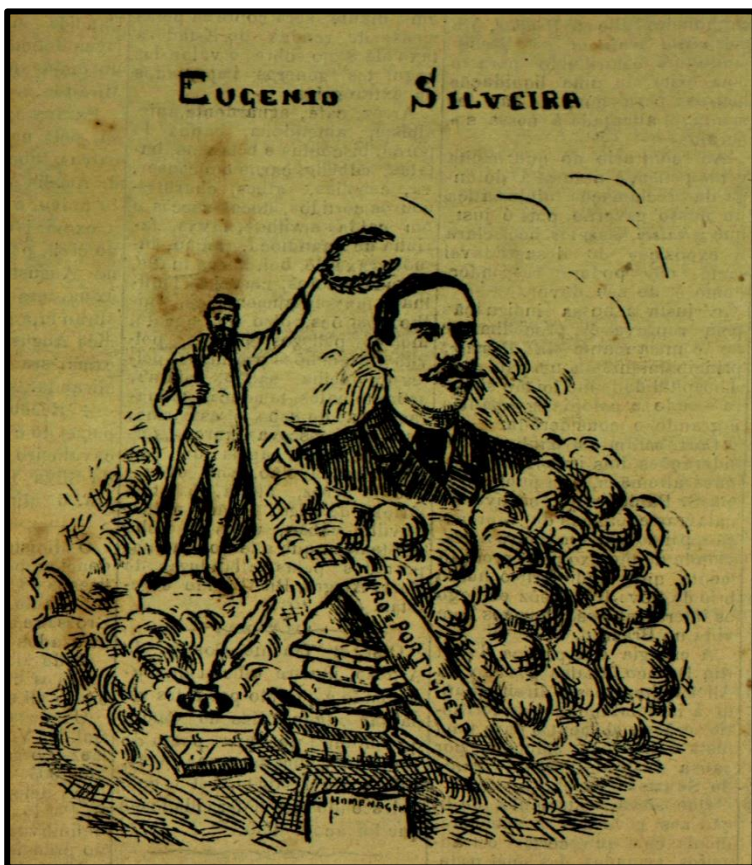
(15 jan. 1906)

A forte presença lusitana na cidade do Rio Grande acarretou uma atenção especial para com tal parcela da sociedade rio-grandina, inclusive nas inserções voltadas à arte caricatural, como ficou evidenciado na presença do navio *Pátria*, vinco a ocorrer várias manifestações encomiásticas em exaltação à personalidades da vida portuguesa. Isso ocorreu em relação ao próprio comandante daquela embarcação, Alfredo Silva Ribeiro, apontado como um exemplo para a solidariedade luso-brasileira, com sua efígie apresentada em meio às bandeiras dos dois países (19 dez. 1905). Outra exaltação recaiu sobre o jornalista Eugênio Santos, o qual fora homenageado “por um grupo de portugueses residentes em São Paulo” (29 dez. 1905). Foi igualmente saudado Bernardo Pinheiro Correia de Melo, Conde de Arnoso, militar, diplomata e escritor luso, que ocupou vários cargos e à época era secretário particular do Rei (6 jan. 1906). Em posição e tamanho de destaque foi estampado o retrato do próprio monarca português D. Carlos, como uma “homenagem do *Artista* à colônia portuguesa (8 jan. 1906), vindo a ser complementada tal expressão de natureza panegírica ao regime vigente em Portugal, com a efígie da Rainha, D. Amélia (10 jan. 1906). Ainda foi dedicado um preito a um personagem histórico lusitano, Afonso de Albuquerque, que teve um papel fundamental para a presença portuguesa na Índia e na expansão do império luso em direção ao Oceano Índico (13 jan. 1906).



(19 dez. 1905)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(29 dez. 1905)



(6 jan. 1906)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(8 jan. 1906)



(10 jan. 1906)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(13 jan. 1906)

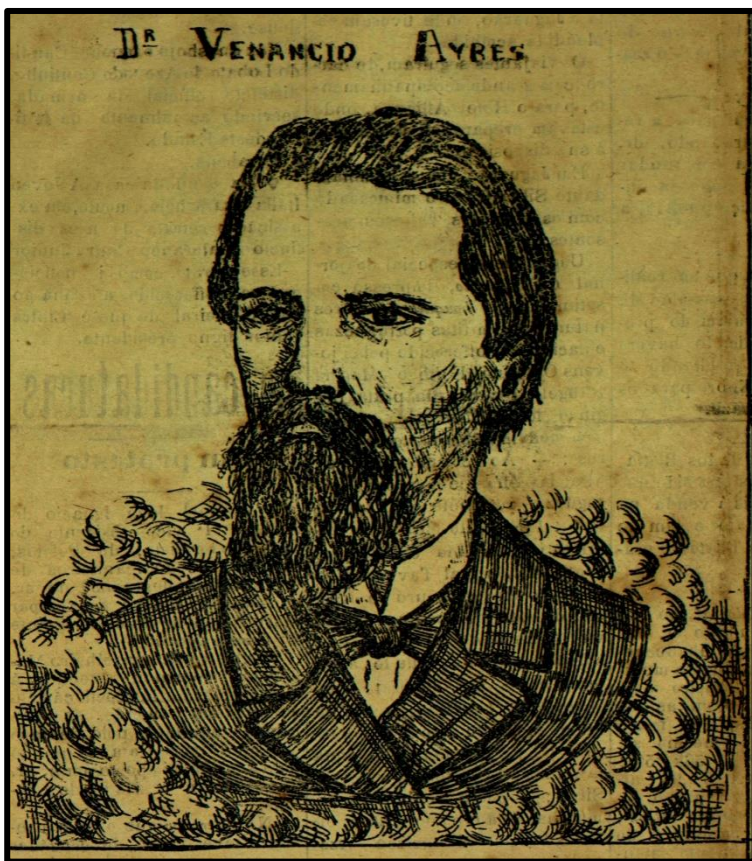
Ainda constituíram objeto de homenagens ilustradas por parte da folha diária rio-grandina vários personagens nascidos no Rio Grande do Sul. Foi o caso de José Plácido de Castro, líder rio-grandense da Revolução Acreana que redundaria no acordo diplomático brasileiro-lusitano, o qual levou à incorporação de tal território ao Brasil. Castro era chamado de “herói do Acre” e era apresentado em seu retrato, com trajes civis, bem como em outra representação na qual ele aparecia com a tradicional figura do gaúcho, pilchado e montando um cavalo, gravuras acompanhadas da legenda pela qual “o Rio Grande saúda Plácido de Castro, prestes a voltar à terra natal, que ele tanto tem honrado” (18 dez. 1905). Ainda que não fosse sul-rio-grandense de nascimento, e sim paulista, Venâncio de Oliveira Aires radicou-se no Rio Grande do Sul para atuar como jornalista, advogado e político, na condição de ardoroso defensor do republicanismo, tanto que foi editor de *A Federação*, folha antimonárquica gaúcha, sendo qualificado pelo periódico rio-grandino como “o patriarca da ideia republicana” no sul do Brasil (30 dez. 1905). O líder político gaúcho Pedro Gonçalves Moacir, advogado e jornalista, também recebeu seu preito, a partir de sua atuação no Partido Republicano Rio-Grandense, vindo a romper com Júlio de Castilhos e passando a militar na dissidência oposicionista, até ingressar no Partido Federalista, no qual teve papel relevante (5 jan. 1906). No dia de sua morte, João Nunes da Silva Tavares, o general Joca Tavares, uma das lideranças das forças rebeldes durante a Revolução Federalista, recebeu um tributo póstumo por parte do *Artista*, trazendo em destaque a sua efígie associada à espada, ao pavilhão nacional e as

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

tropas galopando pelas coxilhas gaúchas (9 jan. 1906). Tal morto recebeu outro tributo de página inteira com várias alegorias ao seu falecimento junto da veneração e do pranto de parte de seus comandados, além da lembrança de sua luta pela “pátria” e pela “liberdade” (12 jan. 1906).



(18 dez. 1905)

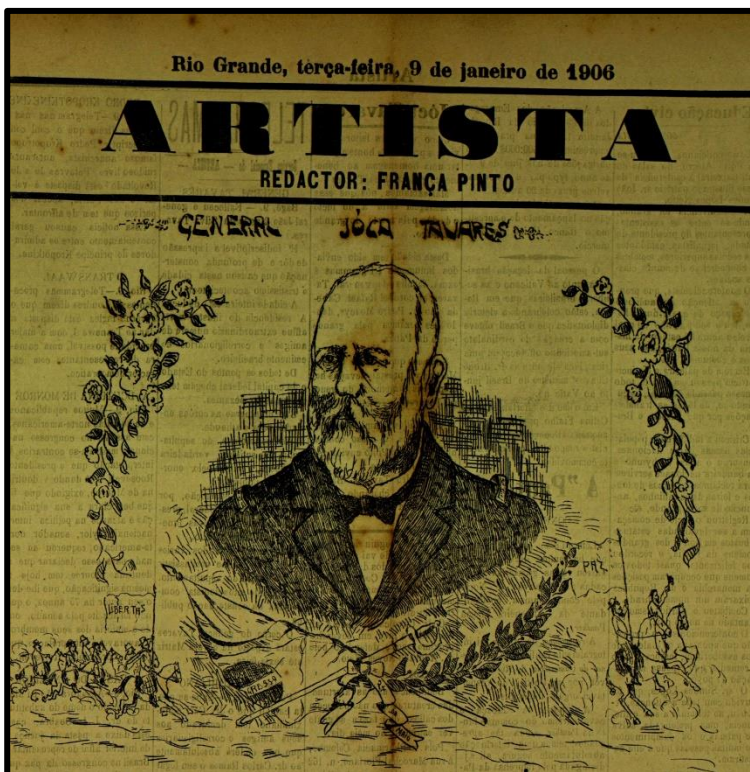


(30 dez. 1905)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

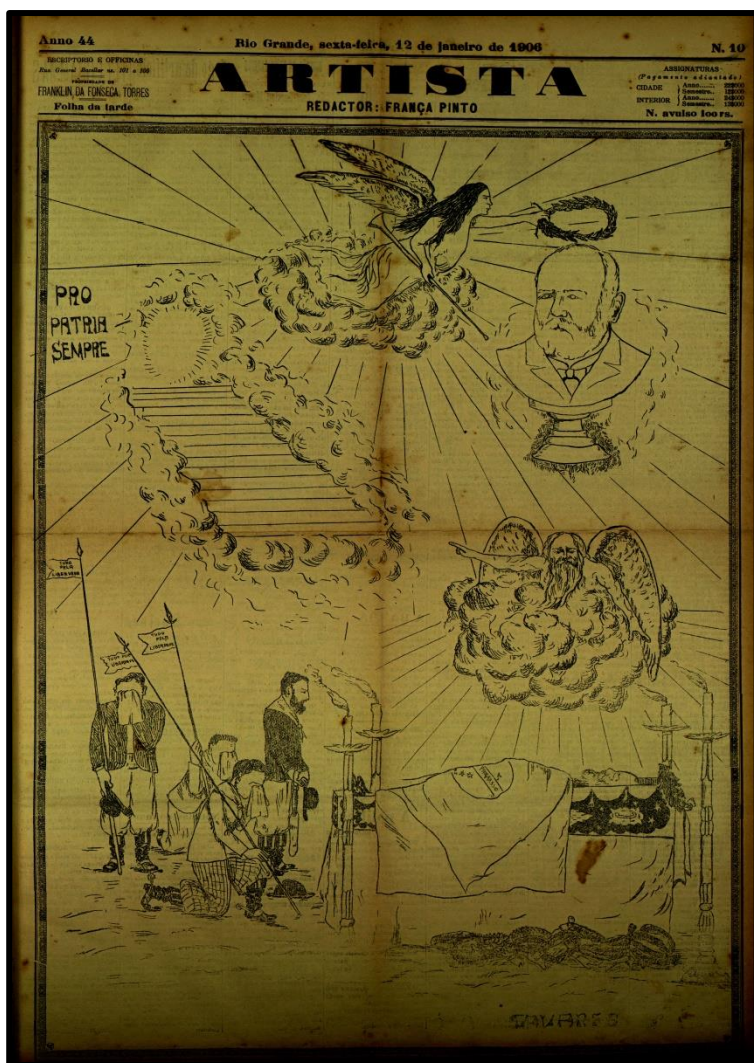


(5 jan. 1906)



(9 jan. 1906)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(12 jan. 1906)

Ainda com base na ilustração caricatural, o *Artista* trouxe outro tipo de homenagem, com seção embasada nos encômios, denominada de “Caras caricaturadas”. O registro encomiástico traz consigo uma expressão de louvor e/ou de elogio para com alguém, de maneira que seu conteúdo louva ou glorifica pessoas, ideias ou objetivos. Tem como termos equivalentes a apologia, o panegírico, a elegia, a monódia, o treno e a trenódia, os quais carregam o significado de uma composição solene ou discurso em honra e louvor de alguém, carregando em seu conteúdo um elogio formal e incondicional²¹. Tratava-se do registro do retrato observado pelo traço caricaturado, com um fundo de predomínio laudatório. Ao contrário da caricatura tradicional, cujo alvo essencial eram as imperfeições ou deformidades, fossem as físicas ou de caráter, em tal seção, a arte caricatural trazia o personagem em si, por vezes empunhando algum objeto que lembrasse o seu papel social²².

A personalidade que inaugurou “Caras caricaturadas” foi José D. Rache, advogado militante na cidade do Rio Grande, que foi representado trazendo a balança da justiça em sua mão direita, em alusão à sua profissão. Os pratos da balança abrangiam também outras vertentes em sua atuação, ou seja, o próprio “Direito”, mas também a “arte”, a “manha” e o “*savoir*”

²¹ SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 169, 45, 165 e 339.

²² A respeito dessa seção, ver: ALVES, Francisco das Neves. *Projetos de arte caricatural na cidade do Rio Grande nos primórdios do século XX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra de Estudos Globais, Biblioteca Rio-Grandense, 2024. p. 96-116.

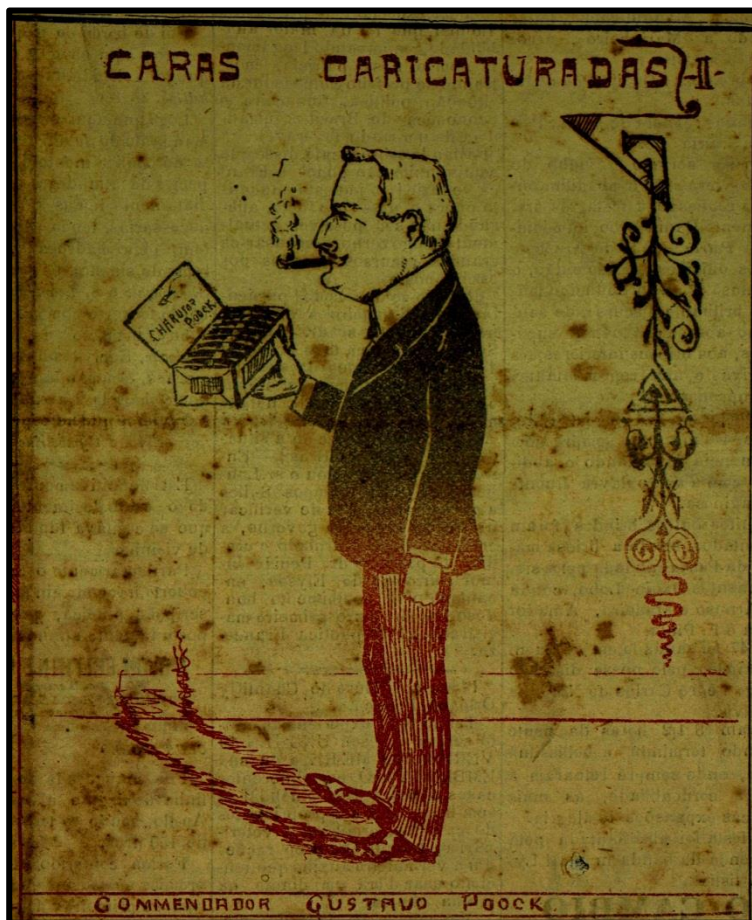
faire", em relação à habilidade e perícia com que desempenhava suas funções, assim como seus pendores artísticos voltados às lides intelectuais (30 dez. 1905). A segunda presença foi do comendador Gustavo Pook, um industrialista local que inaugurou uma das fábricas mais promissoras da cidade, vinculada à produção, importação e exportação de produtos oriundos da fumicultura, mormente charutos. Na ilustração, além de estar fumando, ele trazia uma das tradicionais caixas que continham o produto que fabricava (2 jan. 1906). O seguinte a receber um tributo encomiástico foi o gaúcho Alcides de Mendonça Lima, acompanhado na gravura por um livro. Formado em Direito, atuou como advogado, promotor público, juiz municipal, juiz de comarca e professor, além de ter sido deputado constituinte e membro da Câmara de Representantes gaúcha, tendo igualmente escrito alguns livros (3 jan. 1906). Mário de Artagão foi o próximo homenageado, literato, poeta e professor, que nasceu na cidade do Rio Grande e estudou em vários países da Europa. Foi jornalista, poeta, professor, filósofo, conferencista, teatrólogo, administrador escolar, dramaturgo e polemista. Era um poliglota, pois falava e escrevia em português, inglês, francês, espanhol, alemão e italiano. Publicou diversos livros e seu reconhecimento como intelectual ultrapassou fronteiras, tendo pertencido a academias literárias em diferentes partes do mundo, bem como publicou diversos livros. Monarquista convicto, sofreu severa perseguição após a mudança da forma de governo, vindo a radicar-se em Portugal, onde continuou sua carreira e nunca mais voltou ao Brasil. Na ilustração carregava à mão direita a lira poética, em alusão à sua preferência literária, aparecendo ainda um

livro e uma pena, em referência ao jornalismo (4 jan. 1906).



(30 dez. 1905)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(2 jan. 1906)



(3 jan. 1906)

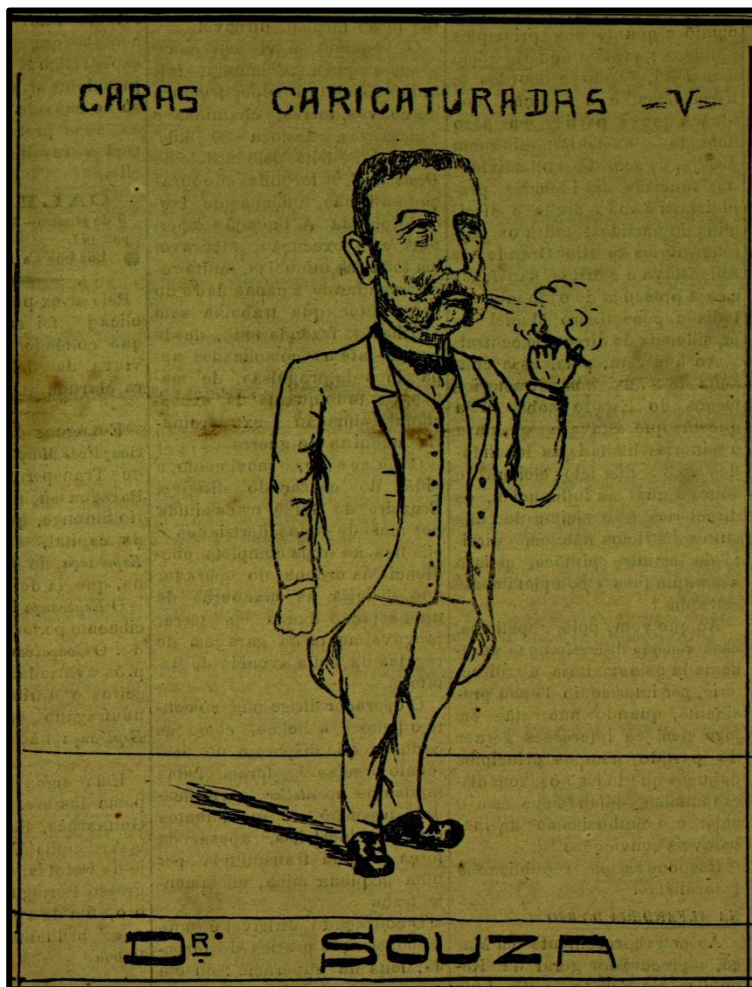
CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



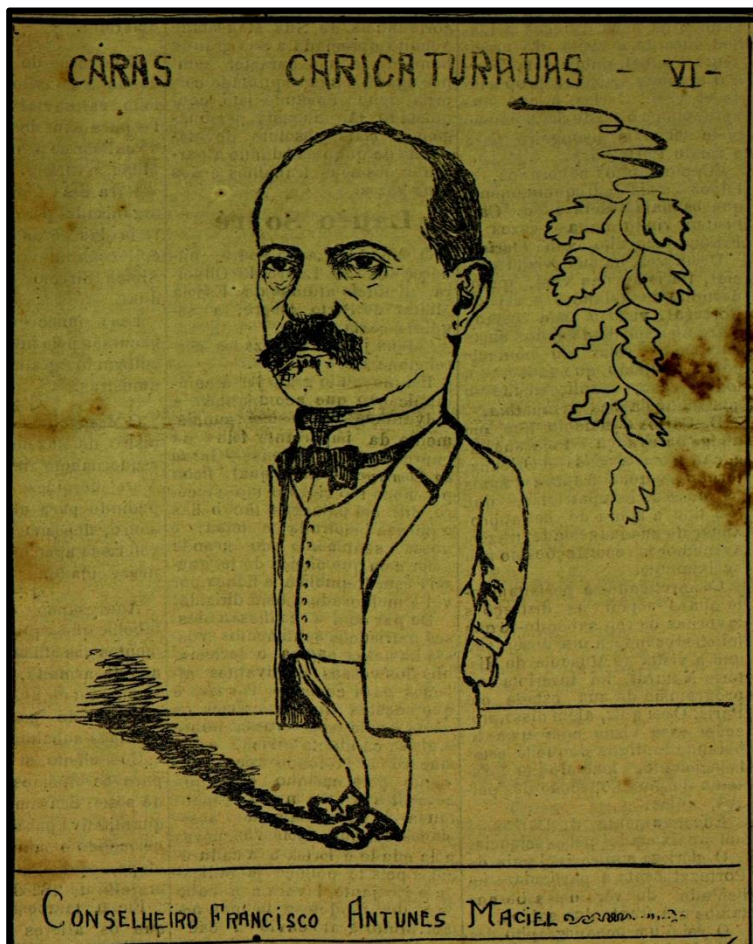
(4 jan. 1906)

Outro indivíduo em destaque foi identificado apenas como Dr. Souza, não havendo qualquer outra referência ao mesmo, a não ser o título à frente de seu sobrenome que indica ter sido o mesmo médico, advogado ou engenheiro (5 jan. 1906). Ainda figurou em “Caras caricaturadas” Francisco Antunes Maciel, comendador e Barão, advogado com formação em São Paulo e no Uruguai, membro do Partido Liberal, atuou como deputado provincial e deputado geral, além de ter ocupado um ministério à época imperial. Com a República, ingressou no Partido Federalista, no qual exerceu representativa liderança na oposição sul-riograndense (6 jan. 1906). O preito ilustrado recaiu ainda sobre Silvestre Guaíba Rache, médico que ficou amplamente reconhecido pela assistência filantrópica que prestava aos desvalidos. Adepto do pensamento oposicionista, ingressou no Partido Federalista e presidiu o Clube Gaspar Martins (11 jan. 1906). Ainda esteve na seção caricatural do *Artista* o escritor, jornalista, biógrafo, historiador, orador e contista Aurélio Viríssimo de Bittencourt, que exerceu diversas funções junto à imprensa, além de ter fundado o Partenon Literário e constituído o principal organizador da Academia Rio-Grandense de Letras, tendo publicado vários livros (13 jan. 1906). A última inserção de “Caras caricaturadas” coube a Francisco Pinto de Azambuja Neto, cuja atuação docente era indicada pelo livro que trazia à mão esquerda, com uma longa prática do magistério, lecionando a menores e a adultos todas as matérias do curso primário e secundário (15 jan. 1906).

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

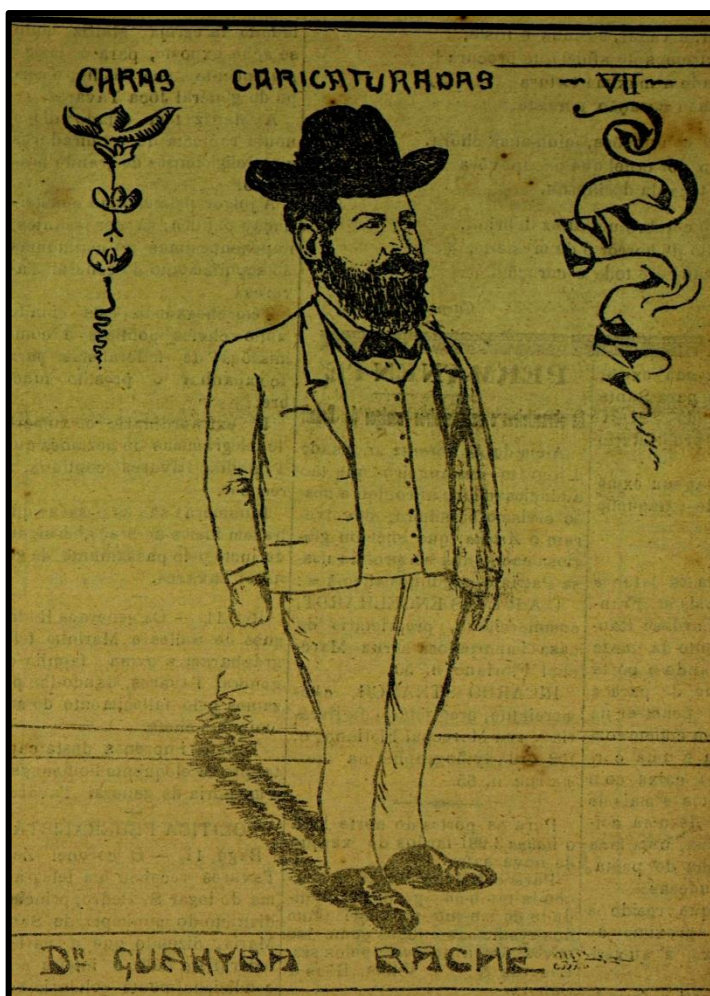


(5 jan. 1906)



(6 jan. 1906)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(11 jan. 1906)



(13 jan. 1906)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



(15 jan. 1906)

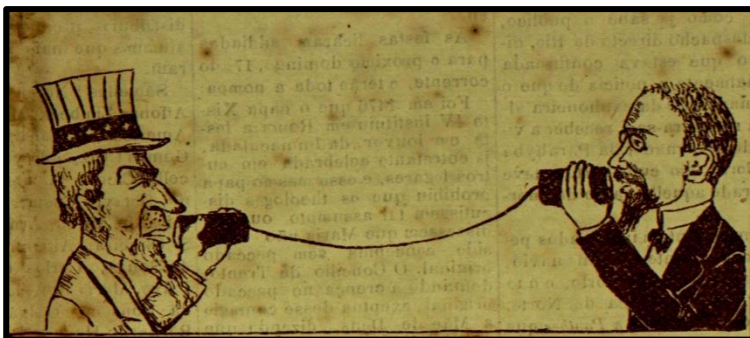
A questão da Barra do Rio Grande

Ainda constituiu um tópico da observação caricatural crítica do *Artista* a questão da Barra do Rio Grande. Na época, a base econômica da cidade era o comércio, daí a necessidade de um acesso marítimo que permitisse um melhor fluxo à navegação. E se dava exatamente o contrário, com a Barra constituindo um verdadeiro obstáculo que trazia morosidade à entrada e à saída de navios. Nesse sentido, obter melhores condições de acessibilidade e de infraestrutura portuária tornou-se verdadeira aspiração coletiva na comunidade rio-grandina. A situação piorou drasticamente na década de 1880, levando o governo imperial a promover diversos estudos técnicos para buscar a solução, que indicou a necessidade de construção de molhes. As obras começaram timidamente, vindo a ser constantemente interrompidas por causa da mudança na forma de governo, da Revolução Federalista e da contenção de despesas na administração Campos Sales. Já no período de Rodrigues Alves houve uma retomada, que só viria a concluir-se em 1915²³.

²³ Sobre tal processo histórico, ver: ALVES, Francisco das Neves. *Porto e Barra do Rio Grande: história, memória e cultura portuária*. Porto Alegre: CORAG, 2008.

O olhar crítico para com as delongas em torno das obras da Barra e as formas de financiamento das mesmas encontraram eco nas caricaturas do periódico rio-grandino. Uma das reações contrárias ao encaminhamento dos trabalhos deu-se a partir da origem da estrutura financeira, com certa aversão ao emprego de capital internacional, tanto que a folha mostrava um contato telefônico imaginário entre o Tio Sam – tradicional representação do imperialismo estadunidense – e o Presidente do Brasil, com o primeiro garantindo que abriria a Barra, mas, em contrapartida, Rodrigues Alves teria de abrir “a bolsa” (15 dez. 1905). (26 dez. 1905). Os tantos planos e projetos para solucionar a questão da Barra tiveram reflexo nas ilustrações do jornal, que demonstrou uma detalhada planta contendo as transformações pretendidas. Houve também aproximações entre os empecilhos do acesso marítimo e as repercussões do Caso *Panther*, com uma caricatura na qual a “pantera” permanecia parada, à espreita, pois não quisera “ficar esperando sentada num banco”. Na mesma linha, dois homens conversavam no cais, debatendo acerca da canhoneira germânica, persistindo no olhar negativo acerca da mesma, vindo um deles a dizer: “Foi-se afinal a *Panther* e a Barra fez uma coisa mal feita: custou a dar-lhe saída” (27 dez. 1905).

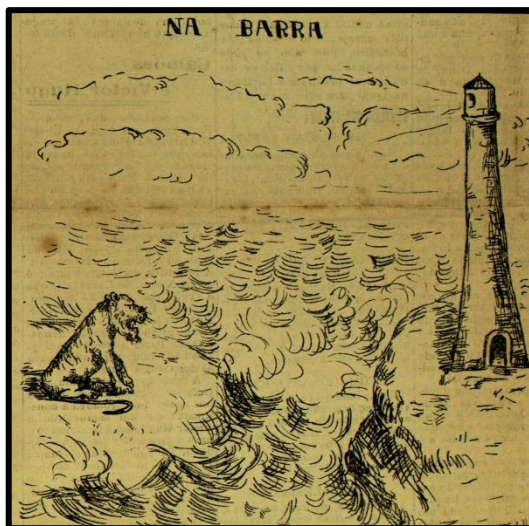
CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



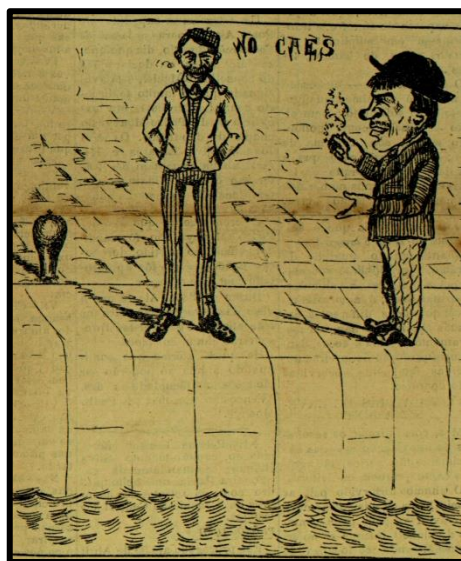
(15 dez. 1905)



(27 dez. 1905)

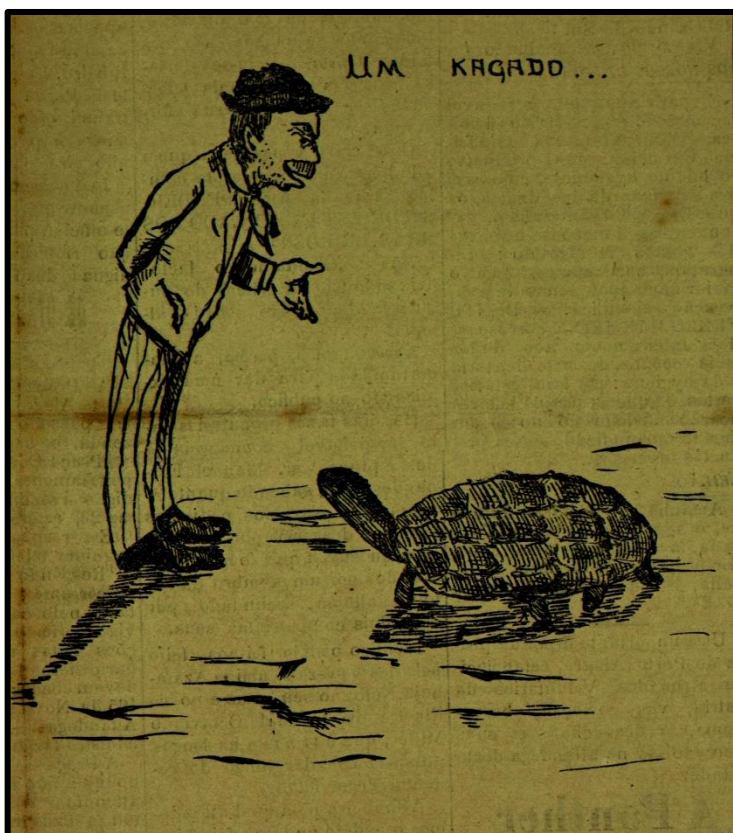


(27 dez. 1905)



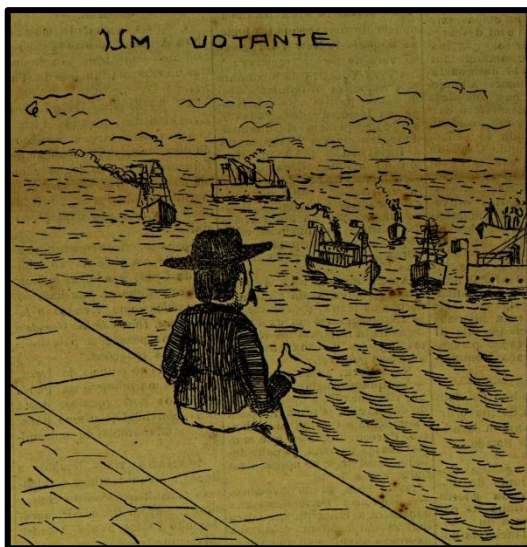
(27 dez. 1905)

A tradicional representação dos quelônios para designar lerdeza foi a estratégia imagética do diário no sentido de demonstrar a excessiva demora na execução dos trabalhos de melhoria do acesso, aparecendo um indivíduo que observava o animal e tecia a irônica constatação de que “afinal, com a abertura da barra é possível que o Rio Grande deixe de ser um cágado no caminho do progresso”. Já em relação a “um votante” que se encontrava sentado à beira do cais, observando o movimento das embarcações, ele cogitava acerca da escolha de um candidato para votar nas eleições, optando por aquele que teria atuado na questão em pauta e conjecturava que, “se não fosse ele na questão da Barra eu ficaria a ver navios...”, no sentido figurado de esperar inutilmente por algo que não deverá se concretizar (4 jan. 1906). A respeito da discussão em torno do contrato para a abertura da Barra o diário chegava a imaginar uma conversa direta entre o Presidente e o Zé Povo, contrário à forma que a negociação vinha se encaminhando (15 jan. 1905). Já em outras duas caricaturas, era a figura tradicional do gaúcho que buscava dissuadir o “Papai Grande” – em alusão a Rodrigues Alves – a não assinar o contrato na modalidade em que se estava estabelecendo (16 jan. 1906; e 18 jan. 1906).



(4 jan. 1906)

CARICATURA E IMPRENSA DIÁRIA NA CIDADE DO RIO GRANDE
NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



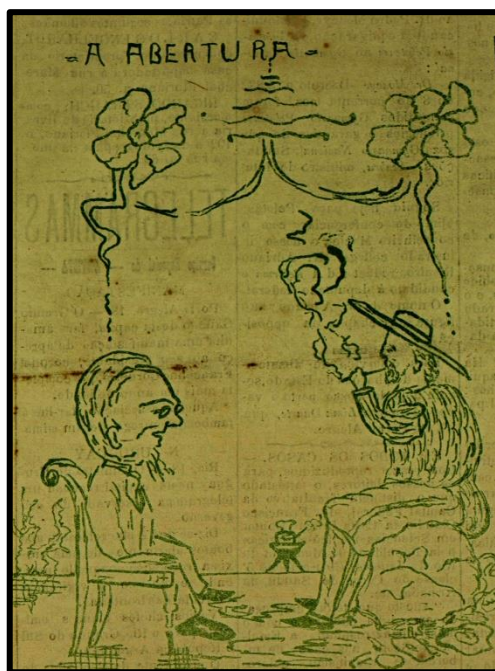
(4 jan. 1906)



(15 jan. 1906)



(16 jan. 1906)



(18 jan. 1906)

Considerações finais

A busca por renovação gráfica e formal de parte do *Artista* constituiu um significativo esforço de parte dos empreendedores do jornal. Por um lado, havia a perspectiva editorial, quebrando uma tradição em relação aquilo que se convencionou denominar de “imprensa séria”, para enveredar pelo caminho ilustrado-humorístico, promovendo uma verdadeira mescla de modo que ao lado do seu discurso convencional calcado em práticas sérias e unívocas, ou ainda em manifestações consistentes e monolíticas, deveria haver também lugar para as equivocidades de todo gênero, a piada, o trocadilho e o humor²⁴ típicos da arte caricatural. Já por outro, o periódico tinha um modelo de trabalho tipográfico vigente há mais de quatro décadas e a inclusão da caricatura levava a novas ações gráficas nem sempre simples de implantar. O pouco tempo de existência dessa “nova fase” revelava esses limites impostos pelas inovações.

Os constantes erros de impressão e o decréscimo na qualidade dos desenhos refletiam as amplas dificuldades em manter a nova prática, que acabaria por não durar muito, estendendo-se por pouco mais de um mês, entre 15 de dezembro de 1905 e 20 de janeiro de 1906. Em pequena nota, o jornal declararia que sua seção

²⁴ EPSTEIN, Isaac. *Gramática do poder*. São Paulo: Ática, 1993. p. 125.

ilustrada seria suspensa por alguns dias, argumentando que circunstâncias imprevistas, inteiramente alheias à vontade da redação, levavam àquela decisão. Anunciava, entretanto que estavam sendo tomadas as necessárias providências a fim de que, com a brevidade possível, pudesse reaparecer no *Artista* a parte ilustrada, e garantia que as novas ilustrações do seriam feitas a capricho, pois não poupariam esforços para bem servir o público que tão largamente os distinguiu com o seu apoio (22 jan. 1906). Apesar da eloquente promessa, a seção ilustrada do diário não retornaria mais.

Ainda que fosse uma experiência passageira e pouco expressiva em termos de duração cronológica, a inserção de caricaturas trouxe consigo a tentativa do *Artista* em manter-se circulando e adaptar-se às novas exigências do jornalismo. Criar um espaço editorial em que convivessem harmonicamente duas práticas discursivas díspares entre si não era uma empreitada facilmente exequível. Havia os problemas técnicos e que bem expressos ficaram na pouca qualidade da seção ilustrada do periódico, mas existia também a própria receptividade ao menos de parte do público leitor e a sua expectativa quanto ao mote discursivo do jornal, de modo que os leitores mais tradicionais da folha poderiam esperar a já histórica sobriedade do texto escrito e não estarem preparados para o humor, a ironia, o sarcasmo e a crítica mais ferina típica da caricatura. Desse modo, o *Artista* tentava uma novidade, usar o apelo visual, que tanto servira aos semanários caricatos que, por meio da estratégia iconográfica e de um discurso mais voltado à prática humorística, tanto cativaram seu público leitor. Entretanto, o uso da imagem trazia em si a necessidade de uma série de

mudanças editoriais e técnicas que o otimizassem, transformações estas que a folha não conseguiu acompanhar, somando-se isso ao fato do momento de indefinições e mesmo de agravamento de uma crescente crise pelos quais passava a publicação. Ainda assim e mesmo que por pouco tempo, o *Artista* contribuiu para trazer a lume algumas das facetas da realidade rio-grandina, rio-grandense e brasileira, apresentando uma reconstrução caricatural dessas mesmas realidades²⁵.

²⁵ ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa, cultura e sociedade: estudos históricos*. Rio Grande: FURG, 2009. p. 88-89.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE



9 786553 061156

ISBN: 978-65-5306-115-6